

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE TECNOLOGIA
MESTRADO EM TECNOLOGIA

Claudio Roberto Porta

**REFLEXÕES SOBRE A CRISE SOCIOAMBIENTAL:
UMA ANALOGIA ENTRE O CONSUMISMO E A
DROGADIÇÃO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Faculdade de Tecnologia da Universidade Estadual de Campinas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Tecnologia

Área de concentração: Tecnologia e Inovação

Orientador: Prof. Dr. Sandro Tonso

Limeira, 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR SILVANA MOREIRA DA SILVA SOARES –
CRB-8/3965
BIBLIOTECA UNIFICADA FT/CTL
UNICAMP

P83r Porta, Claudio Roberto, 1973-
Reflexões sobre a crise socioambiental : uma analogia
entre o consumismo e a drogadição / Claudio Roberto
Porta. – Limeira, SP : [s.n.], 2012.

Orientador: Sandro Tonso.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Tecnologia.

1. Educação ambiental. 2. Socioambientalismo. 3. Crises.
4. Drogas – Abuso – Aspectos sociais. I. Tonso, Sandro.
II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Tecnologia. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Reflections about socio-environmental crisis : an analogy between
consumerism and addiction

Palavras-chave em inglês (Keywords):

- 1- Environmental education
- 2- Socioenvironmentalism
- 3- Crisis
- 4- Drugs – Abuse – Social aspects

Área de concentração: Tecnologia e Inovação

Titulação: Mestre em Tecnologia

Banca examinadora: Marco Antonio Sampaio Malagodi, Rachel Negrão Cavalcanti

Data da Defesa: 29-02-2012

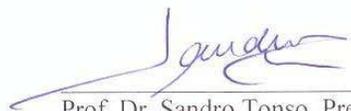
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

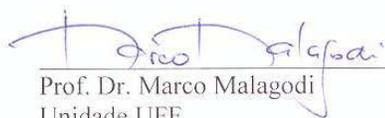
Reflexões sobre a crise socioambiental: uma analogia entre o consumismo e a drogadição

Autor: Cláudio Roberto Porta

A Banca Examinadora composta pelos membros abaixo aprovou esta Dissertação:



Prof. Dr. Sandro Tonso, Presidente
FT/UNICAMP



Prof. Dr. Marco Malagodi
Unidade UFF



Profa. Dra. Rachel Negrão Cavalcanti
Unidade IG/Unicamp

Agradecimentos

Este trabalho não teria sentido se não fosse sonhado, pensado, construído, questionado e vivido através do relacionamento que tive com várias pessoas.

Ao buscar as origens e saídas dos nossos problemas socioambientais deparamos sempre com os relacionamentos pessoais, com a tentativa de encontrar e desatar nós que nos prendem e nos isolam e, de construir juntos, laços que permitam nossos abraços.

Agradeço ao meu orientador por ter lançado a primeira corda (com um grande laço) para dar início a este trabalho; e por todo apoio, bom humor e carinho durante toda nossa convivência.

Agradeço a todos os colegas e professores que de uma forma ou de outra permeiam as linhas desta pesquisa.

Agradeço aos colegas da VLC, empresa em que trabalho, pelo apoio e compreensão dados e por concederem tempo para que eu pudesse conciliar minhas atividades profissionais e acadêmicas.

Agradeço a irmandade de Narcóticos Anônimos por me acolher em suas reuniões e me mostrar seus princípios espirituais e sua maneira de viver.

Agradeço aos meus pais e aos meus irmãos por acreditarem sempre em mim, mesmo quando eu não acreditava.

Agradeço a minha querida esposa, Paula, pelas leituras, releituras, sugestões, pelo constante incentivo, mesmo nos momentos de insegurança, quando me abraçava e dizia docilmente: “você consegue, amor”.

Agradeço aos meus filhos, João e Maria, pela constante inspiração em acreditar num mundo melhor.

O SUPLÍCIO DE TÂNALO

*Aqueles que parecem pretender livrar-nos,
Aparecem generosos e os hospedamos.
Ficamos imobilizados e oprimidos,
Imersos, fechados numa realidade intransponível,
Desejosos de um humanitarismo desumano
Que acaricia nossos pálidos rostos,
Violentados e separados dos outros,
Isolados, explorados e gratos,
Pois nos conduzem por suas verdades,
Com seus cajados tecnológicos,
Ao nosso derradeiro descanso.*

Resumo

A crise socioambiental contemporânea com suas inúmeras facetas é o cerne deste trabalho que busca através de críticas e associações aproximar a problemática de uma patologia social. Tal doença atingiria, em maior ou menor grau, a todos e, poderia ser comparada à drogadição, pois, assim como os dependentes químicos, os indivíduos do atual modelo de produção e consumo de mercadorias, se tornaram dependentes de coisas externas na busca constante de aliviar as dores existenciais. Partindo desta analogia, busca-se conhecer o universo de recuperação de Narcóticos Anônimos e possíveis contribuições de seu programa às práticas de enfrentamento da crise socioambiental, além da procura por princípios que poderiam reforçar conceitos utilizados na educação ambiental transformadora da realidade.

Palavras Chave: educação ambiental; socioambientalismo; crises; drogas – abuso – aspectos sociais.

Abstract

The contemporary socio-environmental crisis with its many facets is the core of this work to search through criticism and associations approaching the problem of a social pathology. This disease would reach, in greater or lesser degree, to all, and could be compared to drug addiction, as well as drug addicts, individuals in the current model of production and consumption of commodities, have become dependent on external things in constant search of ease the existential pain. Based on this analogy, we seek to know the universe of Narcotics Anonymous recovery and possible contributions to the practice of his program to fight the socio-environmental crisis, and the search for principles that could enhance environmental education concepts used in the manufacturing of reality.

Key Words: environmental education, socioenvironmentalism, crisis, drugs – abuse – social aspects.

Sumário

A PICADA – (<i>introdução à pesquisa; caminhos percorridos; justificativas; objetivo</i>).....	8
O DELÍRIO – (<i>problemas socioambientais; críticas ao consumismo; patologia social</i>)	17
AS BAIXAS – (<i>exclusão social; crise existencial; resíduos humanos</i>)	40
O FIM DA PICADA? – (<i>Narcóticos Anônimos; recuperação</i>).....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

A picada

*Só é cantador quem traz no peito
o cheiro e a cor de sua terra,
a marca de sangue de seus mortos
e a certeza de luta de seus vivos¹.*

Quando Cupido partiu para a missão, encomendada por sua mãe, Vênus, de ferir a bela mortal Psique, simplesmente por esta ser bela e desviar a atenção dos demais mortais, antes dela exclusivamente tão preocupados em cuidar dos templos da deusa do amor, não imaginava que iria acidentalmente se ferir com um de seus dardos embebidos no filtro do amor, e se apaixonar pela personificação da alma humana, a bela Psique (FRANCHINI e SEGANFREDO, 2005a).

Não. Esta pesquisa não foi encomendada por nenhum deus do Olimpo, nem tampouco por minha mãe. Também não sou nenhum Cupido. Também este trabalho não ousa um aprofundamento nem trilha pelos saberes das ciências psicológicas.

Uma amiga, assertivamente, me alertou para o cuidado de não escrever e contar simplesmente uma estória. Não é uma estória. Trata-se de uma pesquisa científica, metódica como deve ser, e edificada através do diálogo entre diversos autores, alguns que já conhecia, outros que tive o prazer de conhecer durante o curso de mestrado, apresentados e discutidos por outras tantas personalidades e amigos. Mas não deixa de ser uma história. A minha história. História construída e em construção. O meu olhar. Olhar muitas vezes distorcido sob o efeito do filtro do amor, da dor, da ira, da alegria, do rancor, do entusiasmo, do medo, da solidão, da insegurança, da angústia e de outros tantos sentimentos que vão aflorando e que influenciam a cada olhar subsequente, a cada pressão de minha pena sobre as páginas de notas, a cada toque nas teclas do computador.

A necessidade de evolução da produção científica diante da problemática ambiental enfatiza a importância dos estudos interdisciplinares entre as ciências biológicas e sociais, transpondo suas fronteiras na formação de novas matrizes filosóficas e epistemológicas (FERREIRA, 2006).

¹ Trecho de poema de François Silvestre falado no início da apresentação da música *Saga da Amazônia* de Vital Farias, durante a gravação do álbum *Cantoria 1* por Vital Farias, Elomar, Geraldo Azevedo e Xangai (1984).

A questão ambiental, pelo seu caráter multidisciplinar, trouxe à tona algumas necessidades de reflexões importantes às ciências sociais, como a necessidade do reconhecimento das variadas formas de saberes e das suas relações temporais com os objetos de estudos e, a necessidade de questionar as especificidades das produções científicas, além de promover pesquisas criativas e audaciosas que, embora possam ter inerentes certa ideologia, devam ser concebidas com rigor científico (FERREIRA, 2006).

Foram várias as picadas que motivaram este trabalho. Certo de que minhas experiências vividas e minha subjetividade influenciaram e influenciam minhas atuais percepções, descreverei algumas delas, pois, “não aprendemos o que está fora de nós, e sim o que nossa estrutura nos permite aprender, no momento em que se dá a aprendizagem” (MARIOTTI, 2000, p. 216). .

Uma das picadas certas que me feriu e me motivou para esta pesquisa aconteceu durante o curso de graduação em Tecnologia em Gestão Ambiental (2006-2007), onde fui inserido em uma abordagem, aparentemente, multidisciplinar que visava proporcionar um enfoque holístico com ênfase nas tecnologias e legislação relacionadas ao meio ambiente. Salvo alguns raros comentários dos nossos mestres e colegas, houve poucos questionamentos e discussões sobre o modelo de desenvolvimento sustentável como solução para os problemas sociais, econômicos e ambientais.

Encontramos profissionais, colegas, ambientalistas e professores envolvidos em ações transformadoras da realidade. Porém, observei uma carência de reflexões críticas e, sobretudo, do questionamento sobre um desenvolvimento que seria realmente sustentável dentro do atual modelo sócio-econômico. Parecíamos levados por forças além de nossas vontades, onde não éramos senhores dos nossos destinos, apenas poderíamos contribuir como instrumentos para a minimização dos impactos ambientais sem discussões mais profundas a respeito da origem de tais problemas ambientais. Deveríamos apertar os cintos e deixar que o destino nos conduzisse, e as expectativas não eram e não são nada animadoras.

A educação ambiental que conheci na graduação pertence à vertente tradicional, padronizadora, mais utilizada, e que tem em seu cerne a manutenção do *status quo* com ações pontuais na gestão dos impactos ambientais sem que se questione sobre a origem de tais impactos ou se queira mudanças sociais e epistemológicas profundas.

Na defesa de uma educação ambiental popular, Carvalho (2001) questiona a idéia simplista de uma única educação ambiental, imprecisa e generalizadora, diferenciando, entre outras linhas pedagógicas existentes, duas orientações distintas.

A educação ambiental comportamental (ou tradicional) se coloca como difusor e indutor de práticas comportamentais para mudanças de hábitos individuais. Por serem mais facilmente influenciadas e não terem poder de decisão, as crianças são prioridade para esta linha pedagógica tradicional, racionalista e cartesiana (CARVALHO, 2001).

A educação ambiental popular (ou transformadora), por outro lado, propõe uma linha pedagógica para formação de cidadania através da formação de sujeitos políticos e sociais, críticos da sociedade, valorizando seus saberes tradicionais coletivos e visando uma transformação da sociedade. A formação para esta última linha pedagógica é um processo permanente, construtivista e não pode ser imposta com elementos doutrinatórios e normativos (CARVALHO, 2001).

O adulto, capaz de tomar decisão, e sua coletividade, são os focos da educação ambiental popular e a construção de novos caminhos e nexos para a vida, se contrapõe com a racionalidade da linha adotada em minha graduação.

A EA [Educação Ambiental] popular, por sua vez, age dentro de um universo onde a educação ambiental é uma prática de formação de sujeitos e produção de valores, comprometida com um ideário emancipatório e, ao enfatizar a dimensão ambiental, amplia a esfera pública, incluindo nesta o debate sobre o acesso e as decisões relativas aos recursos ambientais. Nesta perspectiva, o educador ambiental é, sobretudo, um mediador da compreensão das relações que os grupos com os quais ele trabalha estabelecem com o meio ambiente. Atua assim, como um intérprete dessas relações, um facilitador das ações grupais ou individuais que geram novas experiências e aprendizagens (CARVALHO, 2001, p. 49).

A educação é uma dificuldade, pois ainda não aprendemos a viver e a ensinar a viver em um mundo onde as relações são superficiais, utilitárias e frágeis, onde práticas individualistas e competitivas são incentivadas. Uma educação que busque a plenitude individual através do relacionamento com outro não é viável numa sociedade onde o outro é um concorrente ou um obstáculo para se atingir a felicidade.

Ferramentas para se esquecer das coisas aprendidas, ironicamente, seria mais útil à educação uma vez que os conhecimentos se dissolvem logo após serem aprendidos na frenética velocidade das informações e das trocas de prioridades (BAUMAN, 2010).

Já não basta ter conhecimentos e habilidades profissionais, é preciso sempre inovar, superar o outro, oferecer um produto novo e desejável, e claro, que seja também descartável, com a vida bem curta e fácil de ser esquecido (BAUMAN, 2010).

A educação ambiental para o desenvolvimento sustentável (EAPDS)², assim como outros adjetivos dados a educação, são outros desdobramentos de uma educação tradicional, ou melhor, são na verdade dobramentos, pois não têm o objetivo de ampliar os olhares, mas de compartimentar e reduzir ainda mais as ações em torno da conservação do modelo econômico vigente global. Seu conceito (EAPDS) não propõe nada novo na abordagem educativa contendo em seus princípios a mesma base declarada na Conferência de Tbilisi³; pelo contrário, aparece como uma forma de doutrina externa que não leva em consideração as realidades locais, nem tampouco, a transformação dessas realidades por suas comunidades através de uma abordagem crítica (SAUVÉ, 1997).

Para a conclusão do curso de graduação apresentei um trabalho questionando o desenvolvimento sustentável tecnicista e seu caráter superficial nas relações interpessoais. Continuar esta reflexão, ampliando-a a crise socioambiental é um dos objetivos desta pesquisa e minha contribuição a uma educação ambiental crítica e libertária.

A perenidade se faz norma. Questionar o *status quo* soa como bruxaria. Apenas quando confrontamos, pensamos e questionamos a realidade e as ideologias impostas, poderemos elaborar novas realidades:

Apenas quando confrontamos as nossas representações sociais com as nossas experiências e ações, e com as de outros do nosso grupo social, é que seremos capazes de perceber o que é ideológico em nossas representações e ações conseqüentes. Ou seja, pensar a realidade e os significados atribuídos a ela, questionando-os de forma a desenvolver ações diferenciadas, isto é, novas formas de agir, que por sua vez serão objeto de nosso pensar, é que nos permitirá desenvolver a consciência de nós mesmos, de nosso grupo social e de nossa classe como produtos históricos de nossa sociedade, e também cabendo a nós decidir se mantemos ou transformamos a nossa sociedade (LANE, 1991, p. 36).

Outra ferida e minha primeira contribuição para este trabalho, talvez a mais importante, é admitir minha visão reducionista e compartimentada da realidade e a necessidade que tenho de

² TILSBURY, D. Environmental education sustainability: Defining a new focus of environmental education in the 1990's. In environmental Education Research, 1(2), 195-212, 1995.

³ Conferência intergovernamental de Tbilisi, na Geórgia (ex-União Soviética), realizada de 14 a 26 de outubro de 1977, organizada pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) em colaboração com o PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente); considerada um dos marcos da Educação Ambiental no planeta.

superá-la e aprender a ouvir e dialogar com pessoas com outras formas de percepção e atuação. “Foi a inserção lúcida na realidade, na situação histórica, que a levou à crítica desta mesma situação e ao ímpeto de transformá-la” (FREIRE, 2005, p. 61).

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que ‘hospedam’ o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram ‘hospedeiros’ do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora (FREIRE, 2008, p. 34).

A compartimentação dos saberes, o isolamento incomunicável, o reducionismo, a análise unilateral dos fenômenos, o objetivismo, o utilitarismo, a coisificação de tudo e de todos, incluindo a do observador que assume uma não interação com a realidade exterior, são as formas como nos apresenta o pensamento linear/cartesiano, como o é também a visão tecnoeconômica da sociedade moderna, bem como uma das causas das crises atuais. Combater as causas com soluções originadas de um mesmo modelo de pensamento só nos traria mais do mesmo problema.

A sociedade contemporânea é marcada pela ênfase na produção e nos processos produtivos e de consumo, em detrimento à preocupação com os indivíduos e suas comunidades. Faz-se necessária uma reestruturação íntima e social, reconhecendo e valorizando a ambigüidade, a diversidade, a subjetividade e a complexidade e, compreender e fazer parte da transformação histórica da realidade que transforma e se transforma ciclicamente (MORIN, 1986).

Sobre o pensamento complexo necessário para a transformação desejada, Morin acrescenta:

Então, podemos compreender que, quanto mais complexa for uma sociedade, quanto mais potenciais de desordens, antagonismos, conflitos ela contiver, quanto mais ela comportar, ao mesmo tempo, potencialidades de inovações, de estratégias, de respostas às forças de desagregação, tanto mais ela deverá conter, para compensar sua fragilidade orgânica, a comunicação fraternizante que transforma a desordem em liberdade (MORIN, 1986, p. 122).

Ainda sobre o pensamento complexo, Mariotti (2001) propõe um método aberto para dialogar onde a inclusão e o compartilhamento de idéias aparentemente opostas possam interar suas partes, complementando-as e produzindo novas idéias, através de observação, livre de

reservas e pressupostos, permitindo questionar as verdades pré-concebidas e enraizadas, e valorizar a diversidade e as subjetividades.

Ao contrário da discussão que normalmente chamamos de diálogo, que se baseia na defesa e ataque das diferentes pressuposições e opiniões dos envolvidos, onde certamente haverá vencidos e vencedores, Bohm (1989) descreve sua compreensão de diálogo como um coerente e livre compartilhamento de significados, com a participação de todos do grupo (tácita ou verbal), sem querer questionar a opinião de ninguém. Feito normalmente em círculos para não evidenciar ninguém, o diálogo não tem a pretensão de uma conclusão ou de uma utilidade aparente e não requer uma liderança efetiva. Pode proporcionar um ambiente onde seja possível que cada um possa suspender as suas pressuposições e a dos outros membros do grupo e observá-las, manter a mente aberta para novas idéias, deixar fluir uma consciência comum, um novo pensamento criativo coletivo e iniciar uma nova cultura genuína.

Nos encontros que participei (durante as disciplinas que cursei na pós-graduação), ao observar (e na tentativa de me observar observando), pude encontrar, dentro da reformulação íntima que é necessária e que precede e interage com uma transformação socioambiental, que há um processo que ousaria chamar de terapêutico no caminho do pensamento complexo. Ainda que não signifique a transformação da realidade, essa reformulação da percepção íntima que se inter-relaciona com a percepção do grupo, e vice-versa, é o primeiro passo para a libertação a caminho da transformação. Nas palavras de Freire (2005):

“Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias” (p. 30).

Precisamos reaprender a ouvir, a falar, a pensar, a ver, a sentir, a amar..., juntos! Morin (2009) reforça a idéia de interdependência solidária, durante sua entrevista ao periódico O Estado de São Paulo, ao afirmar que “estamos perdidos num pequeno planeta dentro de um sistema e, justamente por estarmos perdidos, precisamos ajudar uns aos outros”.

Todos os acontecimentos acima relacionados, além da abordagem dos professores, as contribuições dos colegas e as transformações complexas advindas da reampliação das reflexões e dos diálogos sobre os temas, reforçam a necessidade do estudo conceitual sobre a crise socioambiental, os limites do desenvolvimento sustentável e da reflexão sobre a educação (ambiental) transformadora, libertária coletivamente, como práxis à sustentabilidade.

Percebi também que tais estudos se ampliariam e materializariam em um diálogo com um coletivo que utiliza em seu programa vários princípios aqui já levantados: a dialogicidade, a não hierarquia, o trabalho em grupo, a percepção de serem uma comunidade de aprendizagem, entre outros conceitos. Um coletivo que, embora tenha em seu objetivo o de ajudar uns aos outros a libertarem-se da escravidão das drogas e encontrar uma nova maneira de viver, utiliza em seu programa de recuperação, vários pontos, que também podemos observar nas práticas de uma educação ambiental transformadora.

O coletivo com o qual me envolvi (outra picada!) e que apresento neste trabalho chama-se Narcóticos Anônimos. O problema comum desse coletivo e o motivo de seus encontros são a *adicação*. Embora, haja outros termos similares do mesmo problema, em outras áreas do conhecimento como drogadição, droga-adição, droga-adicção, dependência-química, prefiro nesta pesquisa utilizar o termo utilizado por Narcóticos Anônimos (NA): *adicação*.

Também veremos aqui o termo *adicto* utilizado para designar o portador desse problema, ou doença (como preferem se referir), ao invés de viciado, drogadicto, toxicômano, dependente químico, etc.

O egocentrismo dominante na adicção cede lugar a uma *consciência coletiva* durante suas reuniões, proporcionando uma *abertura da mente* para uma nova realidade, tanto que uma de suas máximas é *sozinho eu não consigo; juntos, podemos*. A recuperação dos membros é individual, porém, depende da unidade do grupo.

Cada pessoa do grupo é encorajada a falar por um tempo (se desejar) e todos escutam com respeito, sem interromper e sem julgar, numa atmosfera de harmonia parecida com o que vimos sobre o diálogo de Bohm e Mariotti.

Será que há diferença na raiz da problemática socioambiental e a adicção? Será que o adicto não teria apenas potencializado nas drogas a mesma dependência a produtos e/ou coisas externas que padece a maioria dos habitantes deste planeta, na tentativa de preencher algum vazio interior ou amenizar alguma dor? Vazio este causado em parte pelo modelo de felicidade dos tempos modernos, impossível a todos, que se baseia na falsa liberdade competitiva e a exclusão de muitos para o gozo de alguns. Gozo que também é transitório, imediato e que necessita sempre ser saciado.

Sem perspectivas de mudanças revolucionárias coletivas, a perda do poder de intervenção e o enfraquecimento da personalidade fazem o indivíduo moderno buscar nas

drogas, na religião, nos aparelhos da academia de ginástica, nas cirurgias plásticas e em outras muitas coisas, superar o vazio existencial até, ao menos, a próxima lacuna, a próxima depressão, a próxima fissura, e a necessidade de mais coisas para a coisa que se transformou (ROUDINESCO, 2000).

“A violência da calma, às vezes, é mais terrível do que a travessia das tempestades (ROUDINESCO, 2000, p. 17).

Estamos cada vez mais ávidos a preencher esse vazio através do consumo de coisas, muitas vezes apoiado por uma medicina que cada vez mais trata os desejos e angústias como fluidos ou peças de uma máquina com defeito, e que prometem um conforto, mas evitando o enfrentamento, alienando, mecanizando e normalizando o ser humano. Tal medicina descarta a psicanálise ou terapias baseadas na fala, que buscam a raiz do problema, pois não têm a velocidade exigida pelo mercado que quer eficácia e o retorno mais rápido do indivíduo ao consumo/produção. Afinal, uma pílula é muito mais fácil e o silêncio é desejado (ROUDINESCO, 2000).

Os perigos que mais tememos são imediatos: compreensivelmente, também desejamos que os remédios o sejam – “doses rápidas”, oferecendo alívio imediato, como analgésicos prontos para o consumo (BAUMAN, 2008a, p. 149).

Talvez, possamos aprender bastante com coletivos que se unem pela sobrevivência de seus membros contra um problema comum; pois desejamos também a sobrevivência de nosso planeta e da humanidade, e mais ainda, uma vivência plena, digna e respeitosa da diversidade entre os seres.

Objetivo

O objetivo deste trabalho é contribuir para uma educação ambiental transformadora da realidade com uma crítica-reflexiva sobre a crise socioambiental no modelo pós-moderno de produção e consumo de mercadorias, que veremos no próximo capítulo, buscando a raiz (portanto, procurando ser radical) da problemática socioambiental.

Mais adiante nos envolveremos nos diálogos sobre o consumismo e geração de resíduos humanos que entendemos serem inerentes ao modelo de desenvolvimento, para, então, conhecermos os trabalhos realizados por Narcóticos Anônimos onde buscaremos contribuições desse coletivo para as práticas de educação e teceremos comentários sobre esta e possíveis outras pesquisas que poderão ser realizadas.

Neste primeiro capítulo tentei conduzir o leitor aos meus pensamentos, apresentando minhas justificativas, os caminhos percorridos e o objetivo deste trabalho.

Assim como Cupido, me feri e me apaixonei pela alma humana. Mas trago minha aljava repleta de setas a serem lançadas, e algumas delas atiro nesta pesquisa e espero que acertem vocês.

O delírio

*Desses vinte anos nenhum foi feito pra mim
E agora você quer que eu fique assim igual a você
É mesmo, como vou crescer se nada cresce por aqui?
...Bondade sua me explicar com tanta determinação
Exatamente o que eu sinto, como penso e como sou
Eu realmente não sabia que eu pensava assim...⁴*

Neste capítulo busco apresentar inúmeras facetas da problemática socioambiental contemporânea através do diálogo com vários autores previamente selecionados. Gostaria de pedir licença do leitor para mostrar que padecemos hipoteticamente de uma patologia social. A forma como tento aqui abordar as críticas e as reflexões mais parece um caleidoscópio multifacetado de idéias que se conectam, se distanciam e que voltam a se conectar, oscilando entre uma aparente insanidade e a busca desesperada de uma compreensão, em um fluxo que pode levar o leitor a certo desconforto, mas não se preocupe, pois *o delírio*, como sugere o título deste capítulo, é proposital e o desconforto é essencial para que possamos admitir a hipotética doença que estaríamos sofrendo.

Na primeira disciplina que cursei no mestrado, no primeiro semestre de 2009, assistimos a um filme intitulado “A História das Coisas” (*The Story of Stuff*), de Annie Leonard (2005), que caiu como uma luva às minhas indagações sobre o modelo de desenvolvimento vigente. O vídeo evidencia de uma forma bem clara e ilustrada por animações, a crise do sistema produtor de mercadorias, acentuada após a Segunda Guerra Mundial através de uma nova era de *desenvolvimento* (in)sustentado por um modelo de felicidade onde a (in)satisfação existencial é preenchida através do consumo alucinantes de coisas por pessoas coisificadas e alienadas ao sistema.

A coisificação das pessoas foi muito bem exemplificada no poema *Eu, etiqueta*, de Carlos Drummond de Andrade (1984):

Em minha calça está grudado um nome
Que não é meu de batismo ou de cartório
Um nome... estranho.

⁴ Trechos da música *Mais do Mesmo* da Legião Urbana (1987).

Meu blusão traz lembrete de bebida
Que jamais pus na boca, nessa vida,
Em minha camiseta, a marca de cigarro
Que não fumo, até hoje não fumei.
Minhas meias falam de produtos
Que nunca experimentei
Mas são comunicados a meus pés.
Meu tênis é proclama colorido
De alguma coisa não provada
Por este provador de longa idade.
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
Minha gravata e cinto e escova e pente,
Meu copo, minha xícara,
Minha toalha de banho e sabonete,
Meu isso, meu aquilo.
Desde a cabeça ao bico dos sapatos,
São mensagens,
Letras falantes,
Gritos visuais,
Ordens de uso, abuso, reincidências.
Costume, hábito, permência,
Indispensabilidade,
E fazem de mim homem-anúncio itinerante,
Escravo da matéria anunciada.
Estou, estou na moda.
É duro andar na moda, ainda que a moda
Seja negar minha identidade,
Trocá-la por mil, açambarcando
Todas as marcas registradas,
Todos os logotipos do mercado.
Com que inocência demito-me de ser
Eu que antes era e me sabia
Tão diverso de outros, tão mim mesmo,
Ser pensante sentinte e solitário
Com outros seres diversos e conscientes
De sua humana, invencível condição.
Agora sou anúncio
Ora vulgar ora bizarro.
Em língua nacional ou em qualquer língua
(Qualquer principalmente.)
E nisto me comparo, tiro glória
De minha anulação.
Não sou - vê lá - anúncio contratado.
Eu é que mimosamente pago
Para anunciar, para vender
Em bares festas praias pérgulas piscinas,
E bem à vista exibo esta etiqueta
Global no corpo que desiste
De ser veste e sandália de uma essência
Tão viva, independente,
Que moda ou suborno algum a compromete.
Onde terei jogado fora
Meu gosto e capacidade de escolher,
Minhas idiosincrasias tão pessoais,
Tão minhas que no rosto se espelhavam
E cada gesto, cada olhar

Cada vinco da roupa
 Sou gravado de forma universal,
 Saio da estamparia, não de casa,
 Da vitrine me tiram, recolocam,
 Objeto pulsante mas objeto
 Que se oferece como signo dos outros
 Objetos estáticos, tarifados.
 Por me ostentar assim, tão orgulhoso
 De ser não eu, mas artigo industrial,
 Peço que meu nome retifiquem.
 Já não me convém o título de homem.
 Meu nome novo é Coisa.
 Eu sou a Coisa, coisamente.

A exploração dos recursos naturais e das pessoas é intrínseca ao sistema através da exteriorização dos custos de produção, com a utilização do trabalho e dos recursos mais baratos onde estes estiverem, em qualquer parte do globo, principalmente nos países em desenvolvimento, que para permanecerem na economia globalizada e sonharem com a ilusão do desenvolvimento econômico, entregam seus bens primários e suas maiores riquezas, como sua força de trabalho, sua cultura, sua terra, água, suas florestas e minerais, à máquina produtora de coisas. Em todo processo a exploração parece ser constante: da extração, passando pela produção/industrialização, distribuição, consumo e, em todos os pontos gera a poluição, os resíduos humanos, os problemas sociais – o lixo. E para acelerar o consumo, as corporações apoiadas pelos governos das nações ricas, lançam mão das chamadas obsolescências planejadas, imputando a menor vida útil possível ao produto, e da obsolescência perceptiva, criando modas e costumes através da lavagem cerebral da publicidade em massa (LEONARD, 2005).

Os anúncios tornam as pessoas infelizes por não terem coisas, as pessoas fazem do trabalho um sacrifício, as pessoas compram as coisas, e mais um novo ciclo de infelicidade-trabalho-compra reinicia (LEONARD, 2005).

Parece ser uma patologia mundial, uma dependência das coisas foi gerada, muito similar à dependência das drogas, onde o usuário preenche seu desejo imediato por mais uma dose, mas não preenche seu vazio interior, necessitando de cada vez mais drogas e consumindo sua própria vida.

Em uma aproximação teórica durante as aulas da disciplina *Qualidade de vida em sociedades complexas* que cursei no NEPAM (Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais) da

UNICAMP, no primeiro semestre de 2010, o contato com o pensamento de alguns sociólogos contribuiu com algumas das reflexões que veremos adiante.

Segundo Beck (1995) e Inglehart (1997), vivemos em uma modernidade industrial (pós-modernidade para Inglehart), produtora de mercadorias, mas que difere da sociedade que se seguiu logo após a Segunda Guerra Mundial, uma vez que os conflitos entre as classes sociais perderam suas forças, bem como as instituições alicerçadas nesses conflitos.

Eles destacam alguns pontos positivos dos novos tempos, como a ênfase sobre a qualidade de vida, a redução das desigualdades, ascensão da democracia, crescimento econômico e liberdade de expressão e sexual. A modernidade para Beck (1995) trouxe também a problemática ambiental em seu seio e a sociologia pode contribuir ao trazer suas experiências de mutações sociológicas para a questão ecológica. Caminhos contrários ao crescimento da sociedade industrial são enfraquecidos e apropriados ao sistema, como os conflitos ambientais, que são estabelecidos pelos próprios autores da sociedade industrial.

Se há pontos positivos nos tempos modernos, como afirma acima Beck, esses pontos foram falsamente e exageradamente reforçados em prol da aparente necessidade sempre crescente de mais desenvolvimento, neutralizando ainda mais agremiações coletivas contrárias a idéia desenvolvimentista/tecnicista. Quanto à redução das desigualdades (...), deixo para Boaventura de Souza Santos o comentário:

Vivemos em sociedades repugnantemente desiguais. Mas a desigualdade não nos basta. A igualdade, entendida como 'mesmice', acaba excluindo o que é diferente. Tudo o que é homogêneo tende a transformar-se em violência excludente (SANTOS *apud* TONSO, 2010, p. 4).

Inglehart (1997) salienta que as mudanças de metas sociais, rumo a uma melhor qualidade de vida, se devem a motivação, com a sobrevivência e as necessidades básicas garantidas através de uma maior segurança econômica, proporcionada desde a geração de 1970, evidenciando um suposto quadro previsível para as futuras gerações, que justificaria as bases tecnicistas atuais: "Os valores pós-modernos seriam difíceis para sustentar sem prosperidade industrial e uma infraestrutura tecnológica (p. 339)".

Para sustentar a ilusória estabilidade veneramos cada vez mais a tecnologia desenvolvimentista e sua promessa de felicidade e conforto.

Hannigan (2000) sugere o questionamento e investigação da construção histórica e do significado das exigências socioambientais e suas formas de persuasão com suas retóricas com bases numéricas, suas justificativas e suas ações. Destaca as técnicas utilizadas pelos atores que conseguem êxito em suas exigências (uso de autoridade científica, propagadores das *verdades*, uso eficiente das mídias, dramatização, incentivos econômicos, apoio político para legitimação). Sobre a investigação das possíveis exigências ambientais apresentadas em um discurso, Hannigan acrescenta:

Ao procurar as origens das exigências ambientais, é importante para o investigador perguntar de onde é que vêm as exigências, a quem pertencem ou quem lida com elas, que interesses econômicos e políticos os formuladores das exigências representam e que tipo de fontes elas trazem para o processo de criação das exigências (HANNIGAN, 2000, p. 61).

Hannigan (2000) também aborda os riscos ambientais, sua relatividade, seus diferentes significados culturais, a aceitação ou não do risco baseada em diferentes interesses e as formulações de defesa/ataque com bases científicas, jurídicas e/ou morais.

A relação entre qualidade de vida e ambiente, influenciada pela projeção mundial da degradação ambiental, originou algumas publicações pioneiras como as do WWI⁵ (*Worldwatch Institute*). Porém, observa-se que o tema, antes da disseminada preocupação ambiental, já se apresentava relevante quando associado à relação com a saúde; todavia, o olhar da medicina se mostrou limitado para abordar a complexidade da vida contemporânea e a qualidade de vida. Fatores externos (ambiente alterado) interferem negativamente na saúde e na capacidade de satisfazer desejos, carências e necessidades do indivíduo e de grupos sociais (BARBOSA, 1998).

A qualidade de vida comprometida mostra um número significativo de moradores, principalmente aqueles em idade economicamente ativa, acometidos por uma variedade de signos que podem ser observados através de um discurso que expressa pessimismo, apatia, depressão, falta de interesses variados, abandono de causas políticas e uma profusão de sintomas físicos sem causas clínicas diagnosticáveis (BARBOSA, 1998, p. 406).

Abordando a saúde mental e sua relação com o ambiente, mais especificamente com o ambiente urbano transformado pela modernidade, Barbosa (1998) busca auxiliar a reflexão sobre a construção conceitual do tema qualidade de vida (hoje um eufemismo, muitas vezes associado com o acesso e à capacidade de consumir) como resultado de indicadores, tanto objetivos, como subjetivos, ou seja, não considerando apenas os fatores quantificáveis externamente, mas ouvindo

⁵ www.worldwatch.org.

e sentindo as percepções da realidade dos atores influenciados pelas transformações ambientais. Tais indicadores demonstram a incapacidade do sistema produtor e de sua base tecnológica e mercadológica em resolver os problemas humanos elementares, e fomentam a necessidade de reformulação dos conceitos de desenvolvimento e qualidade de vida e dos valores éticos inerentes.

Sentimos medo...

Vivemos como num programa de Big Brother (ou vice-versa, como um espelho) onde todos os dias, e temos convicção sobre isso, sabemos que alguém será eliminado, excluído; está é a única certeza diante tantas incertezas e inseguranças dos tempos atuais (BAUMAN, 2008a).

Uma das conseqüências mais aterrorizantes do medo fluído moderno é o sentimento de impotência, pois “o pressuposto da vulnerabilidade aos perigos depende mais da falta de confiança nas defesas do que do volume ou da natureza das ameaças reais” (BAUMAN, 2008a, p. 9).

Temos medo de sofrer sozinhos e nos entregamos cada vez mais ao enxame de pessoas coisificadas com suas práticas de vida a crédito tentando a todo o momento consumir o futuro e anestesiar as dores (que pensar adiante num mundo imediatista proporciona). “O medo primal da morte talvez seja o protótipo ou arquétipo de todos os medos” (BAUMAN, 2008a, p. 73).

Fugimos da morte constantemente, ora desconstruindo-a, reduzindo e desnaturalizando a morte, ora banalizando-a, porém, tais práticas, paradoxalmente, fazem aumentar o terror de sua presença constante (BAUMAN, 2008a).

A própria morte é “banalizada” por procuração quando aquela substituta de segunda ordem, a experiência da morte de “terceiro grau” [término de um relacionamento], se transforma numa ocorrência freqüentemente repetida e infinitamente reproduzível. Isso de fato ocorre quando os vínculos humanos se tornam frágeis, mantidos apenas provisoriamente, com pouco, se é que alguma, expectativa de durabilidade, e se mostram desde o início assustadoramente fáceis de se desfazer à vontade e com pouca ou nenhuma advertência (BAUMAN, 2008a, p. 63).

“O medo e o mal são irmãos siameses” (BAUMAN, 2008a, p. 74). Mas como explicar o mal? Antigamente o mal tinha uma conotação moral, algo como pecado, ou a transgressão de alguma regra pré-estabelecida. Porém, nos tempos modernos, quando seis milhões de judeus foram assassinados por soldados que estavam racionalmente cumprindo ordens, poderíamos até questionar a imoralidade do mal. Na lógica de eficiência dos tempos modernos a razão se

sobrepõe a emoção fazendo com que “os males produzidos por seres humanos parecem agora tão inesperados quanto seus predecessores/companheiros/sucedores naturais” (p. 85), como os terremotos, vulcões, maremotos, etc. (BAUMAN, 2008a).

Parece não haver defesa contra essa dilatação e ampliação invisível se os escrúpulos morais, as dores de consciência, os impulsos de compaixão humana e aversão a infligir dor aos semelhantes estão desgastados, submersos e abolidos (BAUMAN, 2008a, p. 86).

O capitalismo tardio conta agora com a vida a crédito, transformando todos em devedores. O mal-estar de uma vida individualista pode, ou se faz pensar que pode, encontrar satisfação imediata na compra a crédito, antecipando desejos e enganando temporariamente o vazio interior próprio de nossos tempos, transformando a dívida contraída em lucro aos bancos e agências de cartão de crédito, que abominam bons pagadores (BAUMAN, 2010).

O aumento da desigualdade não é um efeito colateral acidental e desprezado... É antes parte integrante de uma concepção de felicidade humana e de vida confortável, assim como da estratégia ditada por essa concepção (BAUMAN, 2008a, p. 98).

Queremos resistir à alienação dos que bradam ou que simplesmente sussurram que as coisas são assim mesmo e que nada irá mudar. Não é um mundo melhor que queremos? Estamos deixando de sonhar esse mundo, pois aceitamos sonhos alheios como nossos. Um mundo que seja verdadeiramente sustentável... Para tanto precisamos sonhar, estudar, refletir, dialogar, criticar. Precisamos falar sobre isso. Se nos calarmos, as coisas realmente não mudarão.

O Relatório Brundtland, nome que ficou conhecido o trabalho realizado pela Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (1991), nos trouxe o conceito mais utilizado sobre desenvolvimento sustentável, o tripé harmônico do desenvolvimento social, ambiental e econômico através do uso racional dos recursos naturais para esta e às futuras gerações.

Confesso que fiquei esperançoso com o teor das discussões em meu primeiro contato com o relatório, ao ler, por exemplo, que

os vínculos econômicos e ecológicos entre as nações aumentaram depressa, o que torna maior o impacto das crescentes desigualdades verificadas no desenvolvimento e no poder econômico das nações. A assimetria das relações econômicas internacionais agrava o desequilíbrio, pois as nações em desenvolvimento geralmente sofrem a influência das condições econômicas internacionais, mas não têm influência sobre elas (COMISSÃO, 1991, p. 72).

Ou então que:

Além disso, os preços das exportações de produtos primários não refletem plenamente o custo ecológico que representam para a base de recursos. Assim, de certa forma, os países pobres em desenvolvimento estão subsidiando os mais ricos que importam seus produtos (COMISSÃO, 1991, p. 88).

Não podemos negar as contribuições deixadas pelo Relatório Brundtland, principalmente por permitirem trazer à tona discussões e debates em torno de novas maneiras da humanidade e suas nações desenvolverem-se.

Porém, o relatório trouxe-nos também o viés de uma nova corrida de crescimento:

Esses vínculos entre pobreza, desigualdade e deterioração ambiental foram um dos principais temas em nossa análise e recomendações. O necessário agora é uma nova era de crescimento econômico – um crescimento convincente e ao mesmo tempo duradouro do ponto de vista social e ambiental (COMISSÃO, 1991, p. XIV).

Esta Comissão acredita que os homens podem construir um futuro mais próspero, mais justo e mais seguro. Este relatório, *Nosso Futuro Comum*, não é uma previsão de decadência, pobreza e dificuldades ambientais cada vez maiores num mundo cada vez mais poluído e com recursos cada vez menores. Vemos, ao contrário, a possibilidade de uma nova era de crescimento econômico, que tem de se apoiar em práticas que conservem e expandam a base de recursos ambientais. E acreditamos que tal crescimento é absolutamente essencial para mitigar a grande pobreza que se vem intensificando na maior parte do mundo em desenvolvimento (COMISSÃO, 1991, p. 1).

Embora muita coisa possa ter melhorado após mais de vinte anos da publicação dos trabalhos da Comissão, as dores do mundo parecem as mesmas. Hoje vivemos por mais tempo e nossos recém-nascidos morrem menos; as preocupações ambientais foram disseminadas aos quatro ventos; a legislação, a educação e a gestão ambientais fazem parte do dia a dia das instituições e da vida das pessoas. Muitos grupos realizam ótimos trabalhos. Mas ainda a exploração dos recursos naturais e das pessoas continua a todo vapor (e a outras formas de energia também).

Tentar enxergar por de trás das informações recebidas, filtrá-las, decifrá-las, interpretá-las, cruzando com interpretações de realidades diferentes, além de ser uma tarefa titânica, é essencial para nossa transformação e para a transformação da humanidade em uma realidade mais justa. Dentro da hermenêutica, a interpretação é também procurar o sentido interno por detrás do que foi expresso. As comunidades interpretativas seriam, para Malagodi e Avanzi (2005), um

encontro entre diferentes interpretações da realidade com o objetivo de desconstruir a compreensão influenciada pela dominação e pelo colonialismo histórico e seus consensos e reconstruir uma nova compreensão da realidade que enfatize a importância do outro, e que se reconheça incompleta, sem a intenção de uma síntese final.

Para tanto, se faz necessário o aperfeiçoamento das práticas comunicativas, da capacidade de ouvir o outro, de reconhecer os diferentes ritmos, e da autocrítica sobre a influência da cultura técnico-científica. Através da filosofia da hermenêutica, de um grande esforço na interpretação das realidades, das entrelinhas dos discursos e até dos significados da ausência de discursos (silêncio), se propõe um exercício de fusão de horizontes, identificando preocupações comuns entre os atores sociais, reforçando suas articulações e suas ações políticas. O conhecimento técnico-científico deve ser questionado quanto aos seus saberes e às suas interpretações hegemônicas serem mais verdadeiras que formas alternativas de conhecimento. Isto não significa omitir seus conhecimentos, mas reconhecendo-os incompletos. Neste sentido, a educação ambiental teria o papel de promover a manifestação das diferentes formas de compreender em um espaço de comunicação horizontal para sairmos diferentes desses encontros, não o de transmitir verdades e exigir suas absorções (MALAGODI; AVANZI, 2005).

Dentro desse processo de exclusão social que a construção das comunidades interpretativas se opõe, Boaventura de Souza Santos (2002) destaca cinco formas de produção da não-existência:

- “Monocultura do saber e do rigor”, com a exclusão dos saberes e dos pensadores não-científicos;
- “Monocultura temporal”, ditando a linearidade e a constante aceleração do tempo, descartando outras formas de relação temporal;
- “Monocultura das classificações sociais”, as hierarquias sociais criadas que inferiorizam e excluem;
- “Monocultura da escala universal”, que gera a extinção de conhecimentos locais e particulares;
- “Monocultura da produtividade”, onde atividades menos eficientes e utilitárias, do ponto de vista da produção capitalista, são ignoradas e deixam de existir.

Desde sua popularização, em 1985, e a partir dos olhares destes autores, o que se percebe é que o termo desenvolvimento sustentável parece ter ser transformado em um eufemismo proclamado em todos os cantos, em todas as cidades, por todos os políticos e grande parte dos produtos de hoje, são cunhados sob a máscara verde da sustentabilidade. Em certa medida, o desenvolvimento sustentável foi apropriado e utilizado para dar uma sobrevida ao mesmo modelo de desenvolvimento que fracassou no objetivo de levar um desenvolvimento e uma melhor qualidade de vida a todas as nações e pessoas.

Segundo Montibeller-Filho (2008), a definição dada pelo Relatório Brundtland foi incorporada ao capitalismo com a máxima: “produzir mais com menos”, implicando aceitar, manter, difundir e ampliar o padrão de consumo vigente e crer em soluções tecnológicas para produzir-se mais com menos recursos.

Por exemplo, a prática mais divulgada quando apresentada sob os signos do desenvolvimento sustentável ou educação ambiental atualmente é a reciclagem de resíduos sólidos em detrimento do reúso e, mais ainda, da redução do consumo de coisas. Devemos reciclar, mas a reciclagem somente não resolve o problema⁶.

Panacéia é a deusa mitológica que “simboliza a cura universal, graças às plantas” (GRIMAL, 2000, p. 351). Graças à preocupação pelas plantas, pelo verde, pelo meio ambiente, pelo uso racional (?) dos recursos naturais para que esta e as próximas gerações possam desfrutá-los, o desenvolvimento sustentável surge como panacéia para o desenvolvimento econômico e social associados à boa saúde ambiental. A cura para todos os males é a forma como nos é passada a política do neoliberalismo econômico e do mercado como deus supremo. Porém, o mercado está perdendo cada vez mais sua divindade.

O mesmo mercado que atravessou recentemente uma crise de dimensões globais, mais uma vez, coloca em cheque sua eficiência como meio de se alcançar um suposto desenvolvimento socioambiental. Segundo o jornalista Clóvis Rossi, o próprio *Financial Times*, veículo historicamente pró-mercado, noticiou que os mercados não são racionais, com base em informações do *Chatered Financial Analyst Institute*, colocando à bancarrota a eficiência da mão invisível de Adam Smith (ROSSI, 2009).

⁶ No próximo capítulo apresentamos uma discussão mais acentuada sobre a reciclagem.

Embora o capitalismo, aliado a uma visão liberal, defenda um Estado mínimo, precisa deles para sobreviver. É o que verificamos na recente crise financeira mundial, onde transferiram bilhões de dólares aos bancos atingidos. “O capitalismo se destaca por criar problemas, e não por solucioná-los” (p. 7). As hipotecas *subprime*, epicentros da crise, foram lançadas com a propaganda mercadológica de solucionar o problema dos sem-teto, mas acabou multiplicando o número destes. O capitalismo também se destaca em se adaptar e se remodelar a cada crise, como um parasita que procura e acha facilmente outro hospedeiro para sugar-lhe a vida (BAUMAN, 2010).

O desenvolvimento sustentável, ainda sob a égide do Relatório Brundtland, aparece como uma maneira de conciliar os interesses econômicos, ecológicos e sociais, atendendo a premissa de uma suposta participação popular através da gestão do diálogo entre os atores conflitantes objetivando um consenso:

O melhor modo de se conseguir isso [maior participação pública nas decisões que afetam o meio ambiente] é descentralizar a administração dos recursos de que dependem as comunidades locais, dando-lhes voz ativa no tocante ao uso desses recursos. Também é preciso estimular as iniciativas dos cidadãos, dar mais poderes às organizações populares e fortalecer a democracia local (COMISSÃO, 1991, p. 69).

Porém, “os conflitos ambientais extrapolam as tentativas de resolução técnica e gerencial propostas pela concepção hegemônica de desenvolvimento sustentável” (ZHOURI, LASCHEFSKI e PEREIRA, 2005, p. 12).

O enfoque técnico dado, tanto para apontar as origens como para as soluções da problemática ambiental, parece nos fazer desviar de análises mais profundas, submetendo indivíduos coisificados à alienação e dando vida às coisas, como por exemplo, o dinheiro:

Um exemplo cotidiano dessa alienação pode ser visto nas diferentes expressões do dinheiro. Por exemplo, quando as divisas se intercambiam entre si segundo taxas de câmbio que flutuam independentemente da vontade dos homens e, em grande medida, apesar das políticas econômicas. O dinheiro, que não é mais que uma criação humana, ainda que seja o resultado necessário do desenvolvimento mercantil, adquire movimento autônomo, impossível de ser controlado (FOLADORI, 2001, p. 95).

Dizem que rasgar dinheiro é prova concreta de loucura, mas aceitar a aparente autonomia do dinheiro que, na verdade *anda* seguindo fluxos de interesses de grupos por detrás de cada crise, não evidenciaria uma patologia?

A crise ambiental ficou evidente, principalmente nos últimos vinte anos, com problemas em escala global. São problemas complexos, difíceis de diagnosticar e de determinar suas causas. A atual política ambiental adotada mundialmente busca sanar a crise através de instrumentos de mercado, quantificando os recursos necessários à sobrevivência humana, ou seja, transformando itens vitais em produtos. Há uma visão reducionista e praticamente homogênea da problemática ambiental, de cunho técnico, tanto na abordagem analítica quanto nas possíveis soluções, limitando os problemas a poluição, depredação e contingente demográfico. Os problemas não são técnicos, mas sociais (FOLADORI, 2001).

A teoria do big-bang nos trouxe, de forma implícita, uma conotação divina na explosão oriunda do nada, levando por conseqüência, a uma visão de dependência de impactos externos à existência da vida, bem como a finitude dos recursos necessários para tal. Os avanços científicos sobre a origem da vida e seu desenvolvimento, demonstram que a vida nasce do mundo abiótico. A biota procura constantemente, através da inter-relação com seu entorno, as melhores condições para seu desenvolvimento, portanto, ao contrário do senso comum e da biologia neodarwinista, não é a vida que se adapta ao meio e sim, o contrário, como coloca a corrente fenogenética. Tal desenvolvimento pode gerar rejeitos letais a própria existência. Temos o exemplo das cianobactérias anaeróbicas que, ao desenvolverem a capacidade de metabolizar o carbono e água (há 2,5 bilhões de anos), cresceram vertiginosamente junto com as emissões de oxigênio, substância excretada por elas no metabolismo, causadora de sua quase extinção, mas que por conseqüência, deram a oportunidade de vida aos seres aeróbicos, como nós humanos. Por ser incapaz de considerar a influência da biota em seu meio, a biologia neodarwinista não compreende a informação extra corporal herdada de geração a geração, própria da espécie humana, nem tampouco, o acesso diferenciado às informações e os recursos materiais entre as diferentes classes e, conseqüentemente, as ações diferenciadas no meio ambiente (FOLADORI, 2001).

A posição ereta e o domínio das mãos foram essenciais para as transformações do mundo pelo gênero Homo. Mas além de transformar o mundo através da produção de instrumentos tanto para o uso presente através da tecnologia herdada, quanto para uso futuro (não imediato, sem necessidade presente), o homem transformou-se a si próprio, gerando relações sociais de produção determinando os acessos às tecnologias e aos recursos (FOLADORI, 2001).

O processo de objetivação da natureza, ou seja, a alienação decorrente à tecnologia e aos produtos criados e que adquirem vidas próprias (implicando em resultados imprevistos), parece ser uma especificidade do ser humano. Tal alienação está diretamente ligada às relações sociais. Não se pode tratar as relações com o mundo abiótico e as outras espécies partindo de uma unidade generalizada, denominada espécie humana, para investigar as causas da problemática ambiental, como trabalha a ecologia. As diferenças sociais e suas apropriações históricas desequilibradas, ou seja, a forma de inter-relação dentro da humanidade, é a causa direta dos problemas socioambientais. Negar tal inter-relação é uma tentativa de distribuir o ônus e dar uma conotação somente individual à responsabilidade pelas transformações ambientais (FOLADORI, 2001).

Os programas de educação ambiental tradicionais, largamente empregados, enfatizam justamente essa responsabilidade (somente) individual pela crise ambiental. *Slogans* como “comece por você”, “faça a sua parte” e outros na mesma linha, criam *visseiras* que permitem apenas uma visão unilateral dos fatos e dificultam ainda mais as reflexões e ações coletivas.

É uma visão alienadora considerar que as soluções são técnicas sem antes resolver as contradições sociais, pois é, na maioria das vezes, a tecnologia a principal aliada de uma minoria privilegiada. Se por um lado, o avanço tecnológico permite uma melhor eficiência na manipulação de recursos e energia, é ela também, a causadora, por exemplo, de desemprego, do distanciamento da população aos bens produzidos e, portanto, do aumento das desigualdades.

Nas culturas pré-capitalistas, quando, por exemplo, um agricultor tinha necessidade de uma mercadoria que não produzia, ele com sua mercadoria, trocava por moeda corrente para finalmente conseguir comprar sua mercadoria desejada, tendo como objetivo a mercadoria. Em nossa economia, quem possui um capital investe em qualquer mercadoria para se obter mais capital. O objetivo é ter mais e mais dinheiro independente da mercadoria produzida, é a produção pela produção (FOLADORI, 2001).

Não está sendo diferente com o suposto desenvolvimento sustentável, onde se quantifica elementos vitais com o mesmo objetivo: lucro. Se por um lado as mercadorias parecem adquirir vida, por outro, as pessoas parecem perder sua essência vital e se transformam em produtos, sem identidade aparente.

A busca de uma identidade, individual e coletiva, é uma utopia. “A imagem da fraternidade é o símbolo de se tentar alcançar o impossível: diferentes, mas os mesmos; separados, mas inseparáveis; independentes, mas unidos” (p. 16). Tal como o pertencimento, o conceito de identidade não é invariável, fixo, deve ser constantemente revisto a cada caminho, a cada diálogo, a cada questão discutida e decisão tomada, não é conclusivo (BAUMAN, 2005a).

A idéia de identidade foi inventada diante da crise de pertencimento advinda dos tempos modernos e do desmantelamento das comunidades tradicionais. O Estado moderno apropriou-se da idéia para “legitimar a exigência de subordinação incondicional de seus indivíduos” (p. 27) em seu território soberano, mas com a globalização e a perda de poder do Estado para a nova soberania do mercado de bens, produtos e serviços, a identidade perdeu suas falsas raízes sociais patrióticas, colocando indivíduos sedentos, ansiosos, desejosos e desesperados por uma identidade social, por um grupo para se incluir e chamar de *nós*, para pertencer a algo, para sentir segurança. As mídias eletrônicas trataram de preencher esse vazio, ainda que com relações superficiais e ilusórias, como uma máscara de comunidade (BAUMAN, 2005a).

Em aeroportos e outros espaços públicos, pessoas com telefones celulares equipados com fones de ouvido ficam andando para lá e para cá, falando sozinhas e em voz alta, como esquizofrênicos paranóicos, cegas ao ambiente ao seu redor. A introspecção é uma atitude em extinção. Defrontadas com momentos de solidão em seus carros, na rua ou nos caixas de supermercado, mais e mais pessoas deixam de se entregar a seus pensamentos para, em vez disso, verificarem as mensagens deixadas no celular em busca de algum fiapo de evidência de que alguém, em algum lugar, possa desejá-las ou precisar delas (HARGREAVES *apud* BAUMAN, 2005a, p. 31).

Nas culturas arcaicas, pré-mercantis, havia um conceito de inclusão em relação à concepção de natureza na cultura ocidental através dos mitos e rituais religiosos, que colocava a natureza numa ordem divina. O dualismo cartesiano, base das ciências naturais, separou a natureza, objeto de estudo para apropriação e exploração do sujeito-observador *homem*, na busca da satisfação de suas necessidades ou dos interesses da classe social dominante e detentora dos recursos tecnológicos, alterando a visão que a humanidade tinha do mundo (MONTIBELLER-FILHO, 2008).

A partir desta desumanização da natureza, de sua objetivação, as desigualdades e sua apropriação (de terras, de água, de energia, de conhecimento sobre ela), acentuaram as desigualdades sociais que, por sua vez, permitiram mais apropriações desiguais.

Sobre o problema demográfico, Scheer em sua pesquisa em 1993 (*apud* FOLADORI, 2001) constatou que quanto maior o nível de desenvolvimento das forças produtivas de uma região e conseqüentemente do consumo de energia, menor é seu índice de crescimento demográfico. O capitalismo, portanto, ao desigualar pessoas e povos, gera um excedente populacional nos chamados subdesenvolvidos.

O capitalismo sempre contou com instrumentos que regulassem a economia nos momentos de crise. Parece que o desenvolvimento sustentável nos moldes mais empregados pelo mercado é apenas uma sobrevida para o mesmo sistema.

O desenvolvimento que conhecemos, no entanto, é questionável, uma vez que atende às necessidades humanas apenas de uma forma parcial e ainda destrói ou degenera sua base de recursos. Também é discutível se o processo produtivo estaria primordialmente e realmente interessado no bem-estar coletivo (CAMARGO, 2005, p. 29).

O termo, desenvolvimento sustentável, aparece nas mais variadas bocas, fazendo parte integrante de discursos de lideranças políticas em diversos setores sociais. Há uma deturpação do termo, que por significar tantas coisas, pode acabar não significando nada efetivamente. Brügger já se preocupava em 1994 que o termo desenvolvimento sustentável se transformasse em um eufemismo capaz de mascarar o mesmo processo produtivo que causa a degradação (BRÜGGER *apud* CAMARGO, 2005).

Marrul (2000) acrescenta:

A formulação vaga e contraditória que se observa na definição de desenvolvimento sustentável teve o objetivo de permitir colocar de acordo posições até então inconciliáveis de ambientalistas e desenvolvimentistas (p. 119).

Vivemos em um clima de terror catastrófico que, se por um lado faz mobilizar as pessoas pela sobrevivência do planeta, preenchendo fileiras sedentas de uma utopia, por outro, nos faz alienar numa correnteza de práticas individuais e tecnicistas, sem nos perguntar aonde a água irá nos levar.

Em outras palavras, o universo das correntes ambientalistas parece possuir uma virtude paradoxal já que, embora crítico da modernidade, aponta a uma maior e mais ativa cooperação entre indivíduos e grupos com interesses diferentes e até contraditórios, porém igualmente orientados pelos objetivos da modernidade (LEIS, 1999, p. 136).

Por ser colocada como um mal que o homem causou, a crise socioambiental anistia a responsabilidade de pequenos grupos dividindo com a humanidade as ações e as culpas. Não paramos para pensar, ou melhor, não reaprendemos a pensar com novos referenciais.

A velocidade das informações e dos acontecimentos, o ritmo frenético cotidiano, a busca constante por um lugar ao sol, o individualismo próprio do atual modelo econômico liberal, a luta pela sobrevivência, não nos deixam pensar ou dificultam nosso raciocínio.

Adam Smith e Locke com suas idéias liberais defendem a acumulação de capital e a busca individual da felicidade. Esse conceito vigente até os dias atuais trouxe-nos às crises socioambientais conhecidas. Karl Marx, embora tenha tido uma preocupação com a natureza, seus trabalhos foram orientados pela apropriação do produto natureza pelo trabalho humano. Embora sejam antagônicas as correntes, ambas, de forma antropocêntrica e com suas raízes no iluminismo, embasam-se no progresso, com o uso da ciência e tecnologia, através da dominação da natureza (LEIS, 1999).

Se para Marx valoramos os objetos pela sua produção, em relação à exploração das classes trabalhadoras pelas detentoras dos bens de produção, para Simmel, o trabalho não deixa de ser uma mercadoria como outra qualquer, e a valoração para este último é em função da troca, e pelo desejo subjetivo de se obter certo objeto e do sacrifício feito para consegui-lo. O dinheiro se apresenta como símbolo quantitativo mediador, dotado de confiança, para facilitar a troca de desejos; porém, na modernidade, o dinheiro se tornou autônomo, um meio absoluto e um fim em si, permeando e balizando todas as relações sociais, despersonalizando, desenraizando e alienando o indivíduo. O dinheiro trouxe uma suposta liberação da força de trabalho, uma ilusória liberdade individual ancorada pelo poder de consumir e permeada por relações humanas superficiais.

Se a liberdade é, antes de tudo, a independência em relação à vontade de outras pessoas, ela começa pela independência em relação à vontade de outras pessoas bem determinadas. Independente no sentido positivo do termo, é o homem das grandes cidades modernas: tendo necessidade, sem dúvida, de inumeráveis fornecedores, trabalhadores e colaboradores, sem os quais ficaria, inteiramente desamparado, ele mantém unicamente com eles, no entanto, uma relação absolutamente objetiva e mediada pelo dinheiro (VANDENBERGHE, 2005, p. 150).

Com o objetivo de satisfazer os desejos pessoais, as relações sociais se tornaram objetivas, instrumentais e insensíveis e, as pessoas envolvidas no objetivo se tornaram apenas

objetos e meios para atingi-lo, substituíveis por quaisquer outras pessoas, coisificando os vivos e dando vida as coisas (VANDENBERGHE, 2005).

Outrora, na sociedade *sólida*, de produtores, onde o acúmulo capitalista era praticamente na indústria, era necessário uma remercadorização do trabalho e zelar assistencialmente por um *exército industrial de reserva* para a contínua exploração. Hoje, na sociedade *líquida*, a exploração se faz dos consumidores e o Estado apenas mantém, praticamente, o acesso ao crédito para manter os consumidores comprando de forma mais acelerada possível. E quanto à reserva..., não é mais necessária. Cabe agora a cada indivíduo a sorte pelo sucesso ou fracasso. É cada um por si; há de se levar vantagem sobre os outros e ser mais esperto. A solidez de coisas e vínculos humanos nos dias atuais soa como ameaça ao *status quo* (BAUMAN, 2010).

O modelo de desenvolvimento que hoje busca uma sobrevida com o sobrenome sustentável, foi cunhado após a Segunda Guerra Mundial, quando Harry S. Truman chamou o hemisfério sul de área subdesenvolvida e, desde então, perseguimos um modelo hegemônico de desenvolvimento e, conseqüentemente, de felicidade, que não deu certo e que insiste em continuar (SACHS, 2000).

Um exercício elegante de poder é a forma como Gronemeyer (2000) apresenta o termo *ajuda*, principalmente aquele utilizado como auxiliador do desenvolvimento. Longe de ações altruístas e incondicionais, o termo foi apropriado na imposição sutil de padrões de normalidade externos, na busca de vantagens para aquele que oferece a ajuda, sobre o ajudado, de maneira irrecusável e muitas vezes ainda, desejado pelo receptor da ajuda, diante de uma necessidade gerada e uma ilusão de liberdade.

A ajuda militar como forma de restaurar a paz e garantir seus interesses comerciais; a ajuda econômica para garantir a dependência, o acesso a recursos e mão-de-obra mais vantajosos e/ou para destinar seus resíduos tóxicos; ajuda alimentícia com distribuição de sementes e conseqüente dominação econômica; são apenas alguns exemplos da perversão do conceito de ajuda apropriado (GRONEMEYER, 2000).

Na Idade Média, com pretextos cristãos, o intuito da *ajuda* era salvar a alma do doador de esmola e receber sua recompensa divina. Nas colonizações, as missões tiveram o objetivo de cristianizar os índios que sobreviveram às invasões para aniquilar sua cultura e subjugar-los aos interesses dos colonizadores. Com a revolução industrial e seu mito sobre a produção como meio

de alcançar o desenvolvimento de todas as nações, trouxe por conseqüência, a mecanização humana e o individualismo para aumentar a eficiência do trabalho e da produção, a ajuda agora vinha em formato educacional condicionando adultos e crianças ao processo produtivo e a necessidade de serem trabalhadores eficientes para a felicidade de todos (GRONEMEYER, 2000).

Na modernidade, a exploração recebeu uma nova maquiagem entusiástica e a ajuda ao desenvolvimento contra o atraso gerou a necessidade de otimizar e padronizar, homogeneizando supostamente em prol da comunidade global e contra as formas diferentes e alternativas de convívio social, submetendo aos vergonhosos ajudados uma ilusão de oportunidade de alcançar os superiores desenvolvidos e detentores da ajuda que têm um único motivo em ajudar: manter sua própria prosperidade (GRONEMEYER, 2000).

As palavras de Engels e Marx (2008) escritas em 1848 parecem agora, guardadas as devidas especificidades históricas intrínsecas, assustadoramente proféticas e atuais:

Com o rápido aperfeiçoamento de todos os instrumentos de produção, com as comunicações imensamente facilitadas, a burguesia arrasta para a civilização todas as nações, até mesmo as mais bárbaras. Os baixos preços de suas mercadorias são a artilharia pesada com que derruba todas as muralhas chinesas, com que força à capitulação o mais obstinado ódio dos bárbaros aos estrangeiros. Obriga todas as nações, sob pena de extinção, a adotarem o modo de produção da burguesia; obriga-as a ingressarem no que ela chama de civilização, isto é, a se tornarem burguesas. Numa palavra, cria um mundo à sua imagem e semelhança (p. 70).

Neste sentido, o terrorismo e a *ajuda* para combatê-lo parecem ser a *bola da vez*. Mas

a guerra verdadeira – e vencível – contra o terrorismo não é conduzida quando as cidades e aldeias já semidestruídas do Iraque ou do Afeganistão são ainda mais devastadas, mas quando as dívidas dos países pobres forem canceladas, quando nossos ricos mercados se abrirem a seus principais produtos, quando a educação for patrocinada para as 115 milhões de crianças atualmente privadas de acesso a qualquer tipo de escola e quando outras medidas semelhantes forem conquistadas, decididas – e *implementadas* (BAUMAN, 2008a, p. 143).

Ainda sobre a *ajuda* aos países em desenvolvimento, Majid Rahnema (2000) complementa:

A maioria dos chamados países em desenvolvimento estão falidos, ou quase falidos, muitas vezes como resultado direto dos vários programas de “ajuda” financeira e econômica. Hoje, vendem o que ainda resta de sua alma para qualquer um que lhes dê dinheiro suficiente para pagar suas dívidas. Em uma situação em que são forçados a “ajustar” suas economias, nada pode apaziguá-los mais do que a possibilidade de

transferir os custos do processo para seus próprios pobres – algo que é efetuado em nome da participação e de seu corolário, a auto-ajuda (p. 194).

O ex-presidente norte-americano, Truman (o mesmo que autorizou os ataques com bombas atômicas em Hiroxima e Nagasaki), em seu discurso de posse de seu segundo mandato (20 de janeiro de 1949), disse que o progresso chegaria pela ciência e a tecnologia:

É preciso que nos dediquemos a um programa ousado e moderno que torne nossos avanços científicos e nosso progresso industrial disponíveis para o crescimento e para o progresso das áreas subdesenvolvidas. O antigo imperialismo – a exploração para lucro estrangeiro – não tem lugar em nossos planos. O que imaginamos é um programa de desenvolvimento baseado nos conceitos de uma distribuição justa e democrática (TRUMAN *apud* ESTEVA, 2000, p. 59).

Os avanços técnico-científicos, aparentemente, não foram tão bons para a maioria dos habitantes do planeta, parecem que foram justamente ao contrário, pois se tornaram o principal meio de dominação e domesticação.

Aquela sua promessa de transformar o mundo em um paraíso materialista, eliminando a pobreza e a opressão, perdeu toda a credibilidade. Na verdade, existe bastante evidência de que o que ela [a ciência] fez foi exatamente o oposto (ALVARES, 2000, p. 42).

Os meios de comunicação com seus crescentes desenvolvimentos tecnológicos e a capacidade de atingir cada vez mais pessoas foram um dos instrumentos de dominação mais utilizados.

O termo desenvolvimento sustentável é repetido todos os dias em todos os meios de comunicação. Na mídia televisiva, meio em que estão conectados milhões de pessoas, encontramos uma baixa qualidade no conteúdo de suas mensagens e também, segue a regra na difusão educativa da problemática ambiental. São em sua grande maioria, mensagens atrativas de forma apelativa e sensacionalista. Também são mensagens de fácil entendimento para atingir o maior número de pessoas, nivelando os signos cognitivos sempre por baixo. As necessidades são criadas e recriadas pela cultura de massa, que tem a televisão como sua maior aliada, com o objetivo de gerar novas necessidades básicas (indispensáveis!) para então podermos comprá-las e continuarmos insatisfeitos. A mensagem televisiva, mais especificamente, a educação ambiental feita na televisão é tratada como um produto que precisa ser vendido. Para tanto, deve ser limpa, atrativa, e não questionável, pois fazer pensar e refletir não repercute em índices no IBOPE.

A educação ambiental predominante (tradicional) tem se mostrado imediatista e a serviço do mercado mundial, trabalhando apenas com a conscientização da responsabilidade individual, instrumental e gestional – a idéia do ser humano perverso que destrói a natureza, e que precisa se converter. Um projeto de defesa da natureza não pode vir desassociado de emancipação humana.

A mídia, que desempenha fundamental papel na era da informação, não tem proporcionado o devido espaço à problemática, situando-a isoladamente, em uma narrativa que tende a expressar-se como dramática, romântica e apolítica. Além disso, incorre no equívoco de trazer para o indivíduo e para o plano comportamental a responsabilidade pela crise ecológica. A apresentação dos desastres ambientais parece dificultar aos espectadores o estabelecimento de nexos entre fato e a dinâmica social (LOUREIRO, 2002, p. 25).

Os educadores voltados a uma educação ambiental transformadora, objetivando uma mudança da realidade através do conhecimento e da crítica do concreto, do conhecimento da própria realidade, quase não encontram apoio na mídia televisiva, pelo contrário, concorrem de forma injusta com a cultura consumista e alienatória que a TV vende a nós e as nossas crianças. São os meios de comunicação, os grandes formadores de valores: o consumismo, a superficialidade, a competitividade, a não-reflexão, o materialismo e, para todos estes valores há programas específicos para enaltecê-los.

A reflexão de Frei Betto parece-me pertinente:

A fórmula para transformar a criança em consumista é pela via da erotização precoce. Quando se consegue que uma criança de quatro ou cinco anos preste demasiada atenção ao próprio corpo, ela manifesta desejo de consumo. Passa a viver a esquizofrenia própria de quem é biologicamente infantil e psicologicamente adulto. Um simulacro de adulto. Isso é mais ou menos administrável enquanto projeta a fantasia na ambição de consumo e na reprodução mimética do comportamento dos mais velhos. Acontece que, ao chegar à puberdade, depara-se com a crise própria da passagem da infância à adolescência. A puberdade exige a adequação da razão à realidade. Provoca uma inversão. A fantasia passa a segundo plano e a razão, ao primeiro. A infância é ótima por sobrepor a fantasia à razão. A criança marcada pela proposta consumista chega insegura à puberdade. O real assusta. E, nesse momento, por uma perversa intuição profissional, aproxima-se dela o traficante de drogas e diz: Não se preocupe, você vai poder continuar sonhando, só que quimicamente (BETTO, 2006, p. 270).

Sobre a educação e a mídia televisiva, Heloisa Dupas Penteadó, ressalta que apesar de um despertar global para as questões relativas à TV e Educação, vivemos, ainda, em nosso país, uma situação paradoxal. Concessionários de canais televisivos comerciais, imunes aos controles legais e desprovidos de princípios éticos mínimos, levam ao ar programas de mau gosto, grotescos, centrados em violência, sexo, drogas, meias-verdades e inverdades, além do apelo exaustivo,

intensivo e sedutor ao consumismo, e do sensacionalismo absolutamente irresponsável (PENTEADO, 2000).

As ações em prol de um desenvolvimento sustentável, mas que escondem sua ênfase na normalização e estabilidade, não podem ser transformadoras pelo seu próprio caráter estático e reacionário.

O assistente social que faz esta opção [pela estabilidade] pode (quase sempre tenta) disfarçá-la, fingindo aderir à mudança, mas ficando, sem dúvida, ou com certeza, nas meias mudanças, que é uma forma de não mudar (FREIRE, 2008, p. 50).

A apropriação do termo desenvolvimento sustentável por vários atores sociais ampliou seu conceito e trouxe uma aparente unanimidade por ser polissêmico e impreciso em relação às suas propostas.

Montibeller-Filho (2008) não questiona a necessidade do desenvolvimento sustentável, paradigma do movimento ambientalista, mas suas probabilidades de alcance, em escala mundial, dentro do moderno sistema produtor de mercadorias.

O uso abusivo do termo desenvolvimento sustentável em diversos discursos traz uma falsa conotação, quase que mágica, de panacéia ambiental, com notável e estranho consenso, onde o que realmente encontramos em sua raiz é uma ausência de consenso, tanto no adjetivo *sustentável*, como no conceito de desenvolvimento. Diegues (1992) sugere o termo *sociedades sustentáveis* por parecer ser mais adequado, ao se contrapor ao modelo de homogeneização sociocultural imposta pelo modelo de produção capitalista, ao invés de *desenvolvimento sustentável*, termo este que foi apropriado pelo mesmo modelo, proporcionando-lhe uma sobrevida e mais do mesmo. *Sociedades sustentáveis* sugere uma ênfase na manutenção da diversidade cultural e biológica com a politização e com a construção de identidades de comunidades para que estas busquem seus próprios padrões de produção e felicidade, transformando-se em sujeitos de um desenvolvimento fora das bases impostas pelo mercado, objetivando a construção de sociedades socioambientais mais justas e realmente sustentáveis.

Para que a sociedade ultrapasse o paradigma das políticas voltadas ao mercado, ao estímulo ao consumismo e à dominação capitalista, fazem-se necessárias políticas públicas que visem uma transformação social através da coletividade.

O Estado deve garantir um ambiente propício, subsidiar e estimular o diálogo participativo em um processo dialético entre sociedade civil e o Estado. A educação ambiental transformadora insere-se nessas políticas públicas através de práticas de participação democrática em comunidades interpretativas visando à construção de sociedades sustentáveis (SORRENTINO, 2005).

Em lugar de imobilização lamentosa, temos a convicção de que ações educacionais participativas pela responsabilidade ambiental resultam no envolvimento e na organização de pessoas e grupos sociais nas lutas pela melhoria da qualidade de vida fundamentada em valores pós-materialistas, que questionam as necessidades materiais simbólicas de consumo e desvelam outras possibilidades de felicidade, alegria e vida (SORRENTINO, 2005, p. 290).

O cardápio de aprendizagem é um elenco de atividades disponíveis com o objetivo de formar educadores ambientais em uma comunidade. Sandro Tonso (2005) faz uma analogia entre a alimentação e o conhecimento, termos que se aproximam e, assim, justifica e qualifica o termo cardápio, se for elaborado coletivamente e diverso (com grandes opções de escolha), integrando saberes e sabores acadêmicos e populares, valorizando as diferenças, para um processo de formação complexa de famintos educadores por uma educação crítica e emancipatória. Podemos associar a Educação Ambiental proposta a uma alimentação *slow food*. O *fast food*, por sua vez, seria uma educação comportamental, utilitária à formação de massas, uniforme e padronizada, sem opções de escolha, sem cardápio. Assim, também seria uma educação *prato-feito*, contendo suas grades padrões de disciplinas não questionáveis. Os itens de cardápio, por sua vez, devem oferecer atividades que despertem e desenvolvam o sentido lúdico, afetivo e estético, e não somente questões técnicas e objetivas, para que o educando se sinta tocado e prossiga no processo transformador. Os cardápios, assim como a alimentação que respeita as épocas, os plantios localmente apropriados e estações das culturas, devem variar em função da época do ano e das especificidades locais; e devem ser facilitados de forma que se possa manter certa linha que sustente os próximos itens, assim como uma seqüência de pratos servidos e que atendam às necessidades/fomes da comunidade. Neste sentido, um Cardápio de Aprendizagem se constitui como um instrumento de diálogo entre educadores e educandos tendo suas concepções de Ambiente, de Sociedade e de Educação os elementos que problematizam o processo de Educação Ambiental Crítica.

Encontramos vários caminhos de educação realmente transformadores como opção a educação alienadora e padronizadora que, nos últimos anos tem se apropriado de uma coloração esverdeada.

Paulo Freire (2008, p. 44) há mais de quarenta anos, já nos alertava sobre a necessidade de uma nova educação: “A educação das massas se faz, assim, algo de absolutamente fundamental entre nós. Educação que, desvestida de roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação” (grifo meu).

...o justo oposto de uma educação regida pelo individualismo, pela competição, pelo exercício do poder e pelo interesse utilitário que transforma pessoa em mercadoria e a própria vida em mercado (BRANDÃO, 2005, p.91).

As baixas

*Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a conta menor
que tiraste em vida.
É de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe
deste latifúndio.
Não é cova grande,
é cova medida,
é a terra que querias
ver dividida⁷.*

O objetivo deste capítulo é, através de diálogos com autores previamente selecionados, possibilitar a reflexão (ao observarmos os resíduos gerados em nosso sistema produtor/consumidor de mercadorias) sobre a geração dos refugos humanos inerentes ao processo produtivo/consumista. Pretendo também aqui, contribuir à sensibilização do leitor, convidando-o a olhar e, se possível, sentir as dores existenciais dos que se tornaram ou estão na iminência de se tornar um resíduo humano, continuando e reforçando a hipótese de que padecemos de uma grave patologia social.

É notável a grande preocupação dada ao delicado problema do imenso volume de lixo gerado nas grandes metrópoles e a necessidade de uma gestão de resíduos feita de forma planejada e que busque soluções para a destinação adequada desses resíduos. A dificuldade de encontrar locais apropriados para os aterros sanitários e a carência de apoio do estado e do mercado em reaproveitar certos materiais através da reciclagem se somam à problemática (EIGENHEER; FERREIRA, 2006).

A reciclagem e a coleta seletiva são apontadas como *a única* solução para o crescimento cinco vezes maior do lixo gerado na cidade de São Paulo em relação ao seu crescimento populacional. O título brasileiro por seis anos consecutivos como o maior reciclador de latinhas de alumínio deveria servir como exemplo para a reciclagem de outros materiais. Em São Paulo

⁷ Extraído do poema “Morte e vida Severina” de João Cabral de Melo Neto (2008).

apenas 1% dos materiais recicláveis, dos 30% que estes representam do total de lixo gerado, são efetivamente recuperados (ÉPOCA SP, 2009).

Este aparente paradoxo se deve ao fato de que a reciclagem de latinhas de alumínio nada tem de transformador da realidade, pelo contrário, alimenta os mesmos valores excludentes que vimos no capítulo anterior: consumismo, competitividade, individualismo, superficialidade, etc.

O programa de coleta seletiva de lixo, segundo Layrargues (2008), tem um caráter reducionista e utilitário, não envolvendo reflexões necessárias sobre o modelo de produção e consumo. O programa, bem como o discurso oficial ecológico, parte de uma prática educativa cartesiana, colocando a reciclagem como uma salvação ambiental, distanciando-se da raiz do problema que vem a ser a cultura do consumismo vigente e, até mesmo, colaborando para a prática da obsolescência planejada, preservando o *status quo*.

O discurso ecológico oficial tecnicista destaca a reciclagem porque, além de não ameaçar o sistema de produção, embute uma sensação ilusória e tranquilizadora de participação das pessoas na melhoria ambiental, absorvendo elementos de retórica ecológica compatíveis com os interesses da produção capitalista (LAYRARGUES, 2008).

O autor ressalta o programa de reciclagem de latas de alumínio largamente divulgado, principalmente nas escolas, onde se observa um discurso não sustentável, a custo de uma educação omissa, não reflexiva, onde o maior interessado é própria indústria de latas que reduz seus custos de produção com a entrada de reciclados transformados em mercadorias a baixo custo devido a mão-de-obra não paga dos *conscientes* cidadãos, excluindo gradativamente o sustento não formal dos catadores e sucateiros.

Essa prática educativa, que se insere na lógica da metodologia da resolução de problemas ambientais locais de modo pragmático, tornando a reciclagem do lixo uma atividade-fim, ao invés de considerá-la um tema-gerador para o questionamento das causas e conseqüências da questão do lixo, remete-nos de forma alienada à discussão dos aspectos técnicos da reciclagem, evadindo-se da dimensão política (LAYRARGUES, 2008, p. 180).

Os argumentos ambientais são válidos, embora com contribuições reais inexpressivas ao meio ambiente, mascarando os verdadeiros interesses da reciclagem,

entretanto, a busca da eficiência que se traduz na racionalidade econômica não pode ser confundida com consciência ecológica e muito menos com responsabilidade social. É importante lembrar que na cadeia de reciclagem, desde o consumidor até a indústria, em nome da eficiência, o catador configura-se como intermediário que deve ser eliminado do processo e, de fato, é o que vem ocorrendo, já que para a indústria da reciclagem, o

fortalecimento desse grupo social significa uma potencial perda da sua capacidade de concentração de renda. (LAYRARGUES, 2008, p. 14).

A reciclagem de materiais, segundo Montibeller-Filho (2008), traz em sua prática a ilusão de solucionar os problemas da poluição ambiental, porém, na verdade, é o próprio capitalismo que se vem reciclando com a apropriação dessa idéia, ganhando sobrevida, pois permite um novo longo ciclo de acumulação. Embora seja inegável sua importância para a geração de uma consciência ecológica, as ações individualistas envolvidas, vazias de reflexões mais profundas, perdem seu efeito catalisador. A possibilidade de contribuição através da reciclagem é muito pequena diante do montante de lixo produzido e, esbarra-se também em limites físicos e econômicos da impossibilidade de reciclagem de todos os materiais e da necessidade do acréscimo de mais energia durante o processo de reciclagem, onde o produto gerado será sempre de pior qualidade do que o material original, portanto, de menor valor econômico, fazendo com que o capitalista prefira produzir a partir de matéria-prima com o um menor valor de mercado, à custa da conhecida exploração dos países em desenvolvimento, de suas riquezas e de suas pessoas.

Segundo o jurista Paulo Affonso Leme Machado (2005), para a melhora da qualidade de vida se faz necessário aceitarmos, independente de nossa posição hierárquica social, uma disciplina menos individualizada e desenvolvermos uma pesquisa científica e tecnológica capaz de reduzir a poluição e os mecanismos de mercado indiferentes à melhoria social. O problema do crescente volume de resíduos sólidos devido ao aumento do consumo e do processo produtivo em si, é ampliado frente ao crescimento da densidade populacional urbana e a inviabilidade econômica em se destinar os resíduos a aterros seguros cada vez mais escassos e longe dos centros urbanos.

O direito, porém, tornou-se refém dos mecanismos de mercado, segundo Henri Acselrad:

os imperativos da liberalização dos mercados abafam qualquer pretensão de fazer valer direitos e proteger sociabilidades menos predatórias, não importa tanto assumir uma perspectiva normativa quanto ao que seria socialmente desejável e como alcançá-lo, mas sim entender o modo como os próprios atores têm construído suas questões e, no caso da temática ambiental, o modo como estes atores associam seus ambientes a valores (ACSELRAD, 2005, p. 219).

As leis econômicas dominantes não têm influência das legislações dos países e de seus governos sem governantes efetivos. Suas regras são alteradas no decorrer do jogo econômico pela

elite que não possui raízes e não pertence a nenhum lugar, favorecendo a ansiedade das pessoas que se sentem perdidas e entregues à sorte de um movimento frenético e sem ninguém, aparentemente, conduzindo:

No espaço global, regras são estabelecidas e abandonadas no curso da ação, e o mais forte, o mais habilidoso, o mais veloz, o que tem maiores recursos e o mais inescrupuloso é que as impõem e derrubam (BAUMAN, 2005, p. 83).

Zygmunt Bauman (2005b) ilustra o moderno sistema de produção de mercadorias com seus produtos descartáveis com prazos de validade previamente fixados, que elimina culturas e pessoas em seu progresso, utilizando-se das observações que Marcos Pólo faz das cidades de Aglaura e Leônia, em *A cidade invisível* de Ítalo Calvino. A obsessão de seus habitantes em preservar o glamour e suas glórias, através da repetição de seus feitos e da cegueira coletiva, para não verem as conseqüências dos seus atos, (como a produção continuada de novidades), fazia com que seus produtos se transformassem rapidamente em lixo por serem feios e fora de moda.

Em 1798, Thomas Robert Malthus alertava que o crescimento demográfico exponencial iria em breve ultrapassar a capacidade de produção de alimentos para sustentar a população. Paradoxalmente, a resposta para tal alerta, dentro dos desígnios da modernização foi justamente crescer mais em número de pessoas. Famílias de pequenos produtores rurais foram perdendo suas terras para os grandes latifundiários; elas não podiam competir com as novas tecnologias agrícolas e se viram obrigadas a se deslocarem para as cidades ou minas para competirem por um posto de trabalho, onde a grande maioria era excluída, restando somente a esperança de sucesso em outras partes do globo: “O congestionamento local pode ser descarregado globalmente. Problemas locais podem ser resolvidos globalmente” (BAUMAN, 2005b, p. 49).

A exportação do refugo humano era estimulada tanto como forma de destinar o excedente como para evitar a rebeldia dos infelizes concentrados em suas pátrias. As novas terras do globo, sem obviamente o mesmo poderio tecnológico e bélico eram obrigados a aceitar o novo modelo modernizante. A história das colonizações é repleta de casos de massacres de aborígenes, resistentes ou não. Esse deslocamento e a oferta de trabalho recorrente, além da geração de novos comércios, eram bastante lucrativos e, realmente, traziam o tão desejado progresso econômico, só que para poucos humanos poderosos, através do sacrifício da grande maioria (BAUMAN, 2005b).

O modernismo traz certas limitações às exigências do instinto do indivíduo. O ego, a fim de compensar as excitações desagradáveis internas devido ao desprazer e a dor que essas limitações externas proporcionam, busca uma separação entre o interno e o externo através de medidas paliativas. A busca de derivativos é uma dessas medidas; o sujeito prende-se aos pontos positivos da realidade, dando ênfase a eles para se proteger dos negativos, extraindo “luz de nossa desgraça” (p. 83). Outras medidas paliativas são as satisfações substitutivas (arte, ilusão), e o uso de substâncias tóxicas (FREUD, 2006).

A busca da perfeição, à imagem de deus, traz a ordem como compulsão, tornando o caos, a sujeira, a desordem, [o lixo], incompatíveis com a civilização. A perda da subjetividade através do isolamento na vida comunitária, os sacrifícios que a civilização moderna exige e a culpa sempre presente (como um superego social) acarretam em distúrbios psicossociais e ao mal-estar na civilização (FREUD, 2006).

A modernidade, segundo Giddens (2002), trouxe consigo a dúvida existencial, colocando em risco o desenvolvimento da personalidade por falta de confiança e incertezas do cotidiano. Exige-se escolher um estilo (e mesmo um corpo) dentro da infinidade de opções de estilos de vida, por vezes influenciados pelo sistema de produção e limitados pelas desigualdades sociais inerentes. Ordenados por padrões externos da modernidade: “Os loucos, os criminosos e os doentes graves são fisicamente segregados da população normal, enquanto o ‘erotismo’ é substituído pela ‘sexualidade’” (p. 15). Ao contrário de Freud, que enfatiza a culpa, Giddens destaca a vergonha como mecanismo principal da crise existencial pós-moderna.

Bauman (2008b) escolhe três casos, três artigos do jornal britânico Guardian publicados em março de 2006 em cadernos diferentes, aparentemente sem conexões entre eles, para nos revelar o que seria, segundo ele, “o segredo mais bem guardado da sociedade de consumidores” (p. 7).

O primeiro caso é sobre o sucesso e crescimento astronômico das redes sociais da internet, onde a prática de compartilhar informações e fotos pessoais se tornou praticamente uma necessidade entre os mais jovens (BAUMAN, 2008b).

No segundo caso, Bauman (2008b) nos traz uma matéria sobre o uso de sistemas informáticos, recém adotados por algumas empresas, que alimentam dados, pontuam e

classificam clientes, para priorizar o atendimento aos bons clientes de forma rápida e assistida pelos melhores profissionais disponíveis, em detrimento ao atendimento aos clientes classificados como ruins.

O terceiro e, último caso, se refere à divulgação do ministro britânico do Interior, Charles Clarke, de um novo sistema de imigração para selecionar os melhores profissionais estrangeiros, os que mais beneficiariam o país, para facilitar a liberação de seus vistos de entrada e, obviamente, rejeitar o acesso ao país de um grande número de pessoas (BAUMAN, 2008b).

Nos três casos, tanto os internautas, os clientes, como os estrangeiros, “todas as três categorias de pessoas, aparentemente tão distintas, são aliciadas, estimuladas ou forçadas a promover uma *mercadoria* atraente e desejável” (p. 13); revelando assim o maior segredo: a comodificação ou a transformação de pessoas em mercadorias (BAUMAN, 2008b).

A comodificação do trabalho e das pessoas faz parte de um processo, ainda em andamento, de privatização e desregulamentação do Estado, que por sua vez, através de bloqueios jurídicos aos sindicatos e associações comunitárias, garante um custo baixo da mão-de-obra e transfere a preocupação com a empregabilidade (ou a venda da mercadoria humana) aos indivíduos, minando ainda mais qualquer tentativa de enfrentamento coletivo (BAUMAN, 2008b).

Diferente de outros tempos onde existia a idéia de planos de carreira dentro das empresas, a demanda agora daria prioridade por empregados que não fincassem raízes, que fossem flexíveis e passíveis de serem jogados para fora a qualquer momento. Ser mercadoria, na modernidade tardia, precede o ser sujeito, e até mesmo, o ser humano. E não basta ser mercadoria, precisa ser vendável, ser desejada, ser visível, ser famosa (BAUMAN, 2008b).

Com o neoliberalismo e sua questionável liberdade individual que limita a subjetividade a opções de compra, transformando a todos em objetos, os cada vez mais procurados, sites de relacionamentos da internet, preenchem a necessidade e a falta de habilidade de se relacionar com outras pessoas, próprias dos novos tempos individualistas, ao proporcionarem encontros virtuais seguros, controlados, superficiais e com a possibilidade de cancelamento instantâneo, sem mágoas, sem crises, podendo desistir e passar para outros relacionamentos com apenas um clique. “Podemos examiná-las por inteiro sem temer que nossos olhos – as janelas dos segredos mais privados da alma – sejam eles próprios examinados” (BAUMAN, 2008b, p. 25).

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro (BAUMAN, 2004, p. 21).

A obsolescência planejada e o descarte das mercadorias são essenciais para a continuidade da sociedade dos consumidores, pois a vida curta das mercadorias (fisicamente ou artificialmente construída) e a garantia de destino final rápido (lixo) fazem com que os sucessivos desapontamentos, causados logo após a compra dos produtos, uma vez que não preenchem os enormes vazios existenciais modernos nem cumprem a promessa de felicidade anunciada, dêem lugar a novos produtos que, obsessiva e compulsivamente, vão aliviando temporariamente as dores causadas e proporcionando uma ilusória credibilidade ao modelo consumista de viver, com seus inevitáveis excessos e desperdícios, e com sua indiferença e confusão entre o que são coisas e o que são pessoas (BAUMAN, 2008b).

A essência da atitude *blasé* consiste no entorpecimento do poder de diferenciação. Isso não significa que os objetos não sejam percebidos, como no caso da estupidez, mas sim que os valores significativos e diferenciais das coisas, e portanto as próprias coisas, são vivenciados como imateriais. Eles se mostram à pessoa *blasé* num tom uniformemente cinza e monótono; nenhum objeto tem preferência sobre qualquer outro... Todas as coisas flutuam com igual gravidade específica na corrente do dinheiro (SIMMEL *apud* BAUMAN, 2008b, p. 57).

Semelhantes aos vagabundos com atitude *blasé* que Simmel se refere, ainda no chamado por Bauman período sólido do capitalismo, que se distanciavam espiritualmente do mundo ao redor, mas não portavam aparelhos celulares, os *novos vagabundos* contam agora, com um falso ar de normalidade (BAUMAN, 2005a).

Nesta ilusória normalidade encontramos a base do materialismo ou da confusão entre *ter* e *ser* da sociedade atual.

Identificar-se com algo hoje em dia, significa uma promessa de abrigo e de prazer de curta duração, “como um manto leve pronto a ser despido a qualquer momento” (p. 37), que não elimina os riscos, apenas nos ilude como uma áurea de falsa segurança oriunda da distribuição na enorme velocidade e quantidade de desprazeres (cada vez mais) e curtos prazeres (cada vez menos prazerosos) constantes, “soluções de segunda classe, meias soluções, soluções temporárias, paliativos, placebos” (BAUMAN, 2005a, p. 75).

Cabendo agora, somente ao indivíduo, a responsabilidade por seu sucesso ou fracasso, o que havia de solidário nas relações deu lugar a uma competição entre os pares.

O indivíduo precisa ser melhor do que o colega ao lado e continuar no páreo, fugindo de qualquer maneira da exclusão, de receber o rótulo de lixo humano e a identidade de subclasse.

Se você foi destinado à subclasse (porque abandonou a escola, é mãe solteira vivendo da previdência social, viciado ou ex-viciado em drogas, sem-teto, mendigo ou membro de outras categorias arbitrariamente excluídas da lista oficial dos que são considerados adequados e admissíveis), qualquer outra identidade que você possa ambicionar ou lutar pra obter lhe é negada *a priori* (BAUMAN, 2005a, p. 46).

O mal-estar vivido pelas novas gerações em função da insegurança promovida pela sempre iminente, ou consolidada, exclusão do mercado de trabalho e de sua provável inutilidade como peças do sistema (único disponível), transforma as pessoas em lixo humano. A distorcida visão de perfeição, de ordem, desclassifica e rejeita a desordem imperfeita e é incompatível com o ideário do projeto de felicidade através da produção. É inevitável, dentro dessa ordem, a eliminação do supérfluo. Para que alguma coisa ou ordem sejam criadas deve-se destinar alguma coisa ou pessoas ao lixo (BAUMAN, 2005b).

O mundo, ao que parece, deu outro giro, e um número ainda maior de seus habitantes, incapazes de agüentar a velocidade, caiu do veículo em aceleração – enquanto um contingente maior dos que ainda não embarcaram não conseguiu nem mesmo correr, segurar no veículo e pular para dentro (BAUMAN, 2005b, p. 23).

As colônias, hoje países em desenvolvimento, serviram de aterros ao excesso populacional gerado pelos países desenvolvidos, numa lógica que permitiu soluções paliativas globais para os problemas locais; porém, chegamos com a globalização ao limite de tais aterros. A culpa pela superpopulação e pela miséria foi transferida aos indivíduos dos países em desenvolvimento, os próprios refugos foram responsabilizados e odiados pelo problema (BAUMAN, 2005b).

Para manter a ordem, assim como o produto precisa de controladores de qualidade que garantam a sua excelência e de agentes de limpeza que escondam seus resíduos produzidos, o sistema precisa de leis, agentes de imigração e de segurança que mantenham os resíduos humanos, se não invisíveis, ao menos à margem do projeto moderno de domínio da natureza e da perfeição (BAUMAN, 2005b).

Acompanhamos no noticiário, neste início de 2012, a tentativa dos órgãos de segurança pública de fazer uma *faxina* na região central da cidade de São Paulo, conhecida como cracolândia, dispersando usuários de crack que se espalharam e migraram para outros pontos da cidade, reduzindo aparentemente a concentração dos usuários, para que estes não fiquem tão visíveis e, principalmente, permita que investidores possam dar andamento a demolição e reconstrução da região da Santa Efigênia e desfrutar dos desejados lucros imobiliários. Tentativas de reintegração social e tratamento aos dependentes, por agentes de saúde e ONGs, foram simplesmente ignoradas. A cracolândia serve por mais de vinte anos como um aterro de resíduos humanos gerados por nosso modelo de felicidade e, por estar numa região central, serviria mais aos interesses econômicos de alguns atores se fosse fonte de exploração imobiliária. Duas placas poderiam ser feitas: uma com a inscrição *RIP (rest in peace – descanse em paz)* para pendurar nos pescoços dos já semimortos e excluídos doentes, e outra de *vende-se* para afixar nas entradas dos prédios da região ou pendurar nos pescoços dos investidores ou nos agentes de segurança, ou até mesmo, nos nossos pescoços quando aceitamos pacientemente a *higienização dos nós* e de outros infelizes em nome da nossa segurança.

Na etapa atual da modernização, após a globalização, os excluídos, empenhados na árdua tarefa de sobreviverem biologicamente, aceitaram (sem que isso os fizessem parar de sofrer) a inferioridade que lhes foi imposta historicamente, uma vez que os detentores do capital conseguiram transformar as leis de mercado em algo natural e a produção de supérfluos, parte dessa cruel natureza.

Os principais atores desse drama são “termos de comércio”, “demandas de mercado”, “pressões competitivas”, padrões de “produtividade” e “eficiência”, todos encobrendo ou negando de modo explícito qualquer conexão com as intenções, a vontade, as decisões e as ações de pessoas reais, dotadas de nomes e endereços (BAUMAN, 2005b, p. 54).

As nações ricas são apresentadas como modelos de desenvolvimento. Para chegarem onde estão consomem dois terços de toda energia gerada no planeta, drenando os recursos do resto do mundo para sustentar seu padrão de felicidade. E não se fala em superpopulação nesses países. Há na Europa, 417 habitantes vivendo por quilômetro quadrado, enquanto a África tem apenas 88, portanto, não é o número de pessoas o responsável pelas mazelas da humanidade e sim, o modo como essas pessoas vivem. Não é limitando a fertilidade dos subdesenvolvidos, como

ditam as ações de instituições de países ricos, muitas vezes interessadas realmente em ampliar as vendas de suas indústrias farmacêuticas, que resolveremos os problemas contemporâneos (BAUMAN, 2005b).

O pós-modernismo e a globalização trouxeram uma série de cenários de insegurança e incertezas impactando profundamente na vida cotidiana. Tal impacto está diretamente associado ao abandono da vida tradicional. A tradição, com seus ritos, valores solidários e sua “noção formular de verdade que combina conteúdo moral e emocional” (GIDDENS, 1997, p. 81), organiza com seus ritos a memória coletiva para os fins práticos comuns, proporcionado estruturas estabilizadoras psíquicas e o sentido de pertencimento social. O conceito de sociedade tradicional, porém, é algo ainda sem solução. “Tradição é repetição, e pressupõe uma espécie de verdade que é a antítese da ‘indagação racional’ – neste aspecto, compartilha algo com a psicologia da compulsão” (GIDDENS, 1997, p. 85). As tradições (como as religiosas), sem tradicionalismo, numa perspectiva capitalista, minam a subjetividade e reforçam a autonegação destruindo a identidade através da repetição compulsiva e obsessiva pelas coisas (vícios), nos afastando de nós mesmos e minando qualquer possibilidade de mudança, pois de tanto repetir enxergamos apenas um mundo, sem escolhas e sem acesso às decisões efetivas (GIDDENS, 1997).

Sônia Barbosa (2008) convida à reflexão sobre as mudanças na expressão da subjetividade advindas do modernismo, observadas no aumento dos diagnósticos de depressão em detrimento aos de histeria. Da mesma forma, nos oferece uma crítica à predominante abordagem medicamentosa por parte da medicina psiquiátrica, estritamente biológica, aplicada ao paciente (consumidor) deprimido (mórbido e alienado). Abordagem esta que desvaloriza qualquer alternativa terapêutica, como a psicanálise que vê a depressão como um sintoma de insatisfação, de um sofrimento íntimo. O silêncio próprio do sujeito deprimido requer a necessidade de expressão, de incorporação do sujeito, porém, o próprio silêncio é apropriado para facilitar o diagnóstico depressivo e justificar a introdução dos antidepressivos, como panacéia aos males modernos e um rápido retorno do paciente (consumidor) à máquina produtiva.

O sujeito precisa falar e mais que tudo precisa ser ouvido, evidenciando desta maneira o papel da subjetividade, da análise e da escuta do psicanalista, para condução de seu sofrimento. Por outro lado, o silêncio do sujeito deprimido possibilita a ausência da necessidade da escuta (BARBOSA, 2008, p. 4).

Assim como o *temer a deus* foi sempre utilizado pelas igrejas como forma de manter seu rebanho, o Estado se apropriou do medo e da insegurança para legitimar sua existência e facilitar o endeusamento das tábuas do mercado. Com a despolitização do povo com o advento da globalização, o Estado precisou inventar novas formas de vulnerabilidade à segurança existencial para se legitimar, como a caça ao terrorismo, que promove através de uma tensão histórica, o medo e o ódio coletivo, garantindo uma aversão a qualquer migrante ou exilado (alvos para descarregar as ansiedades), e contribuindo com a segregação dos resíduos humanos, tão desejada pelo mercado (BAUMAN, 2005b).

O mundo moderno encontra dois grandes problemas que se misturam: o lixo resultante do consumo e os não consumidores que viram lixo. Já quase não há espaço para a redução, reutilização e reciclagem destes últimos, pois o progresso econômico e seu modelo de felicidade já ocupam a totalidade do planeta e destroem ou menosprezam qualquer alternativa a este modelo.

As pessoas cujas formas de subsistência ortodoxas e forçosamente desvalorizadas já foram marcadas para a destruição, e elas próprias assinaladas como refugio removível, não podem optar. Em seus sonhos noturnos podem moldar-se à semelhança dos consumidores, mas é a sobrevivência física, e não a orgia consumista, que lhes ocupa os dias. Está montado o palco para o encontro dos dejetos humanos com as sobras das orgias consumistas – de fato, parecem ter sido feitos uns para os outros... (BAUMAN, 2005b).

O crime também foi globalizado. Muito do dinheiro que circula hoje no planeta tem origem no crime organizado e armado. Porém, os governos dão ênfase aos pequenos crimes. O Estado contemporâneo com sua injusta justiça criminal exclui os menos favorecidos, os não consumidores, os resíduos humanos, procurando mantê-los a uma distância segura, isolados, por falta de *aterros* para uma destinação mais *correta* e sem a menor possibilidade de *reciclagem*. Com o volume crescente de resíduos tanto industriais como humanos, a segura distância desejada pelo Estado já não é possível, o lixo está à mostra, estamos afogados nele, não dá mais para escondê-lo. O lixo deve ser depositado próximo ao local que o transformou em lixo, dando origem aos novos guetos ou hiperguetos, que ao contrário dos antigos guetos que agiam coletivamente contra as exclusões raciais, perderam suas identidades e força política (BAUMAN, 2005b).

Voltamo-nos contra nós mesmos e acabamos por acreditar na idéia disseminada de que os problemas são os outros. O medo de virarmos lixo e de sermos redundantes nos faz partilhar da patológica compulsão e obsessão de competir e ganhar a qualquer custo, ou melhor, ao custo de uma desarmonia social e do desperdiço de vidas. Busca-se abrandar a culpa com o mesmo veneno: estimulando agentes humanitários que buscam segregar os refugos sociais colocando-os a maior distância possível, pondo fim ao que ainda tenha sobrado de suas identidades sociais, de suas diversidades e individualidades:

Uma distância grande o bastante para evitar que os venenosos eflúvios da decomposição social atinjam lugares habitados por seus moradores nativos - esse é o principal critério pelo qual se determina a localização de seus campos para sempre temporários (BAUMAN, 2005b, p. 98).

Outra forma eficaz de *tratamento* do resíduo humano, uma vez que destiná-los a aterros cada vez mais distantes está cada vez mais difícil, é a neutralização, lacrando-os em caixas fechadas disponibilizadas pelo sistema penal, que outrora se destinava à correção como meio reciclador, hoje objetiva ao controle e à exclusão dos resíduos humanos, transformando os muros de suas unidades no elemento primordial de sua nova meta:

Se reciclar não é mais lucrativo, e suas chances (ao menos no ambiente atual) não são mais realistas, a maneira certa de lidar com o lixo é acelerar a “biodegradação” e decomposição, ao mesmo tempo isolando-o, do modo mais seguro possível, do habitat humano comum (BAUMAN, 2005a, p. 108).

O estigma de inferioridade que nos cerca faz-nos lutar, individualmente, por momentos de menor sofrimento, banindo qualquer plano de um futuro melhor coletivo. Para não virarmos lixo temos que nos abster do medo do fracasso iminente e da culpa por abater aos montes pessoas menos qualificadas para continuarmos no páreo competitivo da modernidade. Pesquisadores em todo mundo tentam formular drogas e tratamentos que nos façam desaprender a sentir o trauma do medo e da culpa, pois tais sentimentos poderiam minar nossa agilidade e nos condenar aos depósitos de lixo humano (BAUMAN, 2005a).

Com a correria da vida moderna nas metrópoles e sua decorrente necessidade de especialização utilitária, o indivíduo utiliza de sua intelectualidade (o uso da razão) como defesa às dores que ficam latentes e evidenciadas com o uso de sua subjetividade e sua autonomia (emoções). Tal individualismo é indiferente a toda real individualidade e resulta em relacionamentos superficiais e objetivos. A economia tem a mesma lógica uma vez que no

mercado os indivíduos se desconhecem e se relacionam de forma impessoal, objetivamente de forma egoísta, através da quantificação (tempo e dinheiro) em detrimento da qualidade do relacionamento. A subjetividade nesse individualismo leva o indivíduo ao embotamento a novas sensações:

Uma vida em perseguição desregrada ao prazer torna uma pessoa *blasé* porque agita os nervos até seu ponto de mais forte reatividade por um tempo tão longo que eles finalmente cessam completamente de reagir (SIMMEL, 1987, p. 16).

A atitude *blasé* que Simmel se refere poderia ser substituída nos dias atuais por melancolia, segundo Bauman (2008), que sugere como sendo

a aflição genérica do consumidor; um distúrbio resultante do encontro fatal entre a obrigação e a compulsão de escolher/o vício da escolha e a incapacidade de fazer essa opção. No vocabulário de Simmel, ela representa a transitoriedade embutida e a imaterialidade inventada dos objetos que flutuam à deriva, afundam e reemergem com a maré crescente do estímulo (p. 58).

Na mitologia greco-romana encontramos a triste estória de Tântalo, rei da Lídia e filho bastardo de Júpiter. Embora filho do deus dos deuses, era mortal e ansiava pela sua imortalidade que poderia ser concedida por seu pai. Para impressionar Júpiter e provar sua dedicação, Tântalo convidou-o para um almoço em seu palácio onde serviu como prato principal seu filho Pélope. Júpiter foi acompanhado de Mercúrio e de Ceres e, ao perceber o que estava sendo servido, Júpiter, furioso, mandou Tântalo aos infernos, onde finalmente, conseguiu sua imortalidade permanecendo em um lindo lago, de águas frescas e cristalinas cercado por uma vegetação exuberante e belos frutos. Porém, ao sentir sede sua boca nunca conseguia alcançar o nível da água que fugia de seu contato, e quando sentia fome, os galhos onde os frutos se encontravam se desviavam de suas mãos. Tântalo foi condenado a passar a eternidade a observar a magnitude das preciosidades naturais sem nunca poder usufruí-las (FRANCHINI E SEGANFREDO, 2005b).

. Uma interessante metáfora para os problemas ambientais contemporâneos. Ao desejarmos o divino desenvolvimento a qualquer custo estamos sacrificando nossos próprios filhos. Milhares dos nossos filhos estão padecendo através da fome, da exclusão social, violência e drogas.

A nova cultura que valoriza o individualismo, a competição, a busca dos prazeres hedonistas no consumo, foi questionada por uma geração (*hippie*) que traziam nas experiências

psicodélicas, na liberdade sexual e no viver comunitário, marcado por uma atmosfera festiva dionisíaca, a esperança de liberdade da prisão do ego e um desejo de ser, porém, obcecada por coisas externas para atingir tal desejo. Embora sua evidente contribuição na transgressão de costumes, na revolução sexual e no pacifismo, trouxe também o revés da busca por prazeres sensoriais e imediatos, rapidamente cooptados pela cultura consumista (LIPOVETSKY, 2007).

O individualismo e a competitividade do sistema de produção globalizado trouxeram ao indivíduo certa liberdade ilusória: uma autonomia em relação às relações em comunidades mais tradicionais ou cidades de pequeno porte. A liberdade de ser dono do próprio destino, a liberdade de fazer escolhas entre milhares de opções de consumo e estilos, da livre concorrência são colocadas como as maiores virtudes da modernidade. Porém cegos e minados pela repetição e pela inevitabilidade dos acontecimentos, não percebemos que todas as escolhas das vitrines globais fazem parte de um mesmo modelo, sem escolha, que, ao invés de nos tornar livres e autônomos, nos transformam em escravos insensíveis, embotados, alienados, coisificados, obsessivos e compulsivos por coisas. Sem essência e desraizados sofremos dos males existências da sociedade moderna. Lutamos sem escrúpulos para nos manter no jogo do projeto de felicidade (único), fugindo constantemente da maldição da exclusão e de nós mesmos.

O ideário individualista de preencher seus interesses através do consumo de produtos gera conseqüentemente, novos vazios existenciais ao adquirir o objeto de desejo, formando um ciclo vicioso pela busca de aquisição de novos produtos, novas decepções e novos desejos (CARDOSO, 2006).

Fechamos os olhos aos resíduos humanos e aos sofrimentos alheios gerados e necessários ao projeto de modernidade. Silenciados, angustiados e deprimidos, encontramos alívio imediato no consumo de coisas (qualquer coisa: produtos, drogas lícitas, drogas ilícitas, etc.), que nos preenche, ainda que momentaneamente, o vazio interior, fazendo ou pretendendo fazer com que não sintamos o odor de nossa própria degradação.

O que ficou alegremente (e loucamente) esquecido nessa ocasião é que a natureza do sofrimento humano é determinada pelo modo de vida dos homens. As raízes da dor da qual nos lamentamos hoje, assim como as raízes de todos os males sociais, estão profundamente entranhadas no modo como nos ensinam a viver: em nosso hábito, cultivando com cuidado e agora já bastante arraigado, de correr para os empréstimos cada vez que temos um problema a resolver ou uma dificuldade a superar. Como poucas drogas, viver a crédito cria dependência. Talvez mais ainda que qualquer outra droga e sem dúvida mais que os tranqüilizantes à venda. Décadas de generosa administração de uma droga só pode levar ao trauma e ao choque quando ela deixa de estar disponível ou fica difícil de encontrar. Portanto, o que se está propondo

agora é a saída fácil para a desorientação que aflige tanto os toxicodependentes quanto os traficantes: reorganizar o fornecimento (regular, espera-se) da droga (BAUMAN, 2010, p. 24).

Devemos buscar as raízes da problemática socioambiental para pensarmos em mudanças, ao invés de simplesmente e eternamente continuarmos com medidas paliativas que somente dão sobrevida a mesma problemática. Vale refletirmos sobre as palavras de Husserl:

Como alguém que, tendo formulado um primeiro absurdo, se extenuasse a seguir inutilmente nas tentativas de resolver um outro, sem notar sequer por um momento que este não é senão uma das inúmeras conseqüências do primeiro (HUSSERL *apud* CASTORIADIS, 2002, p. 13).

O fim da picada?

*Tantas veces me mataron,
tantas veces me morí,
sin embargo estoy aquí
resucitando.
Gracias doy a la desgracia
y a la mano con puñal,
porque me mató tan mal,
y seguí cantando.
Cantando al sol,
como la cigarra,
después de un año
bajo la tierra,
igual que sobreviviente
que vuelve de la guerra.⁸*

Dentro da crítica-reflexiva sobre a problemática socioambiental e sobre o consumismo que vivemos proposta nesta pesquisa, vimos nos capítulos anteriores que padecemos hipoteticamente de uma patologia que nos isola e nos faz sofrer das crises existenciais contemporâneas e que nos faz buscar consumir qualquer coisa para tentar amenizar o sofrimento, aproximando-nos das mesmas mazelas sofridas pelos adictos às drogas.

É nessa sociedade que privilegia o ter, transformando a pessoa em simples instrumento; que prega ideais de bem viver, mas que na prática seus reais "valores" são o consumo e o acúmulo de objetos, e que pela mídia controla as maneiras de pensar, sentir e agir dos indivíduos, que o jovem, geralmente entre a puberdade e a adolescência, se vê frente a um vazio interior, sintoma de uma forma social de viver sem sentido. E ao perceber esse vazio sua tendência é preenchê-lo com coisas materiais, no que sempre foi condicionado a fazer: consumindo.

Incapaz de trabalhar seus problemas e crises íntimas, busca "soluções" apenas no mundo das exterioridades ou das aparências. E nessa busca pode ir ao encontro das drogas, legais e ilegais, que acenam como "solução mágica" para que a vida continue "sem problemas" (ZAGO, 1999).

A essência de *ser* no mundo moderno é estar, constantemente, compulsiva e obsessivamente, em movimento. Precisamos de relacionamentos sólidos para tentar responder a filosófica questão: quem sou eu? A resposta

não pode ser constituída senão por referência aos vínculos que conectam o eu a outras pessoas e ao pressuposto de que tais vínculos são fidedignos e gozam de estabilidade com o passar do tempo. Precisamos de relacionamentos, e de relacionamentos em que

⁸ Trecho da canção *Como la cigarra* de Maria Elena Walsh interpretada por Mercedes Sosa (1982).

possamos servir para alguma coisa, relacionamentos aos quais possamos referir-nos no intuito de definirmos a nós mesmos (BAUMAN, 2005a, p. 74).

Uma conveniente comparação entre a economia e a adicção merece ser citada no original:

A economia como um conteúdo de vida é uma doença mortal, porque o crescimento infinito não se ajusta a um mundo finito. Tem sido dito à humanidade por todos os seus grandes mestres que a economia não deve ser o conteúdo da vida; hoje é evidente que ela não o pode ser. Se quisermos descrever a doença mortal mais minuciosamente, podemos dizer que ela é semelhante a uma dependência, como a do alcoólatra ou do viciado em drogas. Pouco importa até que ponto esta dependência seja mais egoísta ou mais altruísta, ou se procura sua satisfação apenas de modo meramente materialista ou também de modo mais refinadamente artístico, cultural ou científico. Veneno é veneno, mesmo que embalado em papel prateado... Se a cultura espiritual, a cultura do homem foi negligenciada, então o egoísmo permanece a força dominante, e um sistema de egoísmo, como o capitalismo, ajusta-se melhor à sua orientação que um sistema de amor para com os nossos semelhantes (SCHUMACHER *apud* FROMM, 2008, p. 162).

Neste capítulo final apresento a irmandade de Narcóticos Anônimos e como seus membros se recuperam, buscando sugestões que possam ser ampliadas aos demais *doentes* de nossa sociedade.

Prefiro colocar na íntegra a definição que seus próprios membros fazem de Narcóticos Anônimos:

NA é uma irmandade ou sociedade sem fins lucrativos, de homens e mulheres para quem as drogas se tornaram um problema maior. Somos adictos em recuperação, que nos reunimos regularmente para ajudarmos uns aos outros a nos mantermos limpos. Este é um programa de total abstinência de todas as drogas. Há somente um requisito para ser membro, o desejo de parar de usar. Sugerimos que você mantenha a mente aberta e dê a si mesmo uma oportunidade. Nosso programa é um conjunto de princípios escritos de uma maneira tão simples que podemos segui-los nas nossas vidas diárias. O mais importante é que eles funcionam.

NA não tem subterfúgios. Não somos filiados a nenhuma outra organização, não temos matrículas nem taxas, não há compromissos escritos, nem promessas a fazer a ninguém. Não estamos ligados a nenhum grupo político, religioso ou policial e, em nenhum momento, estamos sob vigilância. Qualquer pessoa pode juntar-se a nós, independente da idade, raça, identidade sexual, crença, religião ou falta de religião.

Não estamos interessados no que ou quanto você usou, quais eram os seus contatos, no que fez no passado, no quanto você tem ou deixa de ter; só nos interessa o que você quer fazer a respeito do seu problema e como podemos ajudar. O recém-chegado é a pessoa mais importante em qualquer reunião, porque só dando podemos manter o que temos. Aprendemos com nossa experiência coletiva que aqueles que continuam vindo regularmente às nossas reuniões mantêm-se limpos (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 1993, p. 10).

Visitei alguns grupos nos últimos meses em Artur Nogueira, Campinas, Cosmópolis, Holambra, Hortolândia, Paulínia e Sumaré. Mas observei mais particularmente um grupo de Paulínia denominado de Grupo Faça Diferente, localizado na Rua Padre Narciso, s/n, Bairro João

Aranha, em uma sala alugada da Igreja Nossa Senhora Aparecida. Durante as visitas, além de fazer novos amigos e sentir a atmosfera de recuperação de seus pares, tive acesso à literatura de Narcóticos Anônimos que me orientou neste trabalho.

Este trabalho não tem nenhuma pretensão de estabelecer debates sobre a descriminalização do uso de drogas ou sobre o uso religioso ou social de substâncias químicas; não que não seja relevante levantar e discutir tais assuntos, mas fugiria do propósito aqui estabelecido, que é o de buscar uma analogia entre o consumismo pós-moderno e a adicção às drogas.

Os membros de Narcóticos Anônimos, os adictos, têm ou tiveram problemas com drogas, e como comunidade, não se manifesta contra ou a favor de drogas, nem faz distinção entre as variedades de drogas disponíveis, sejam elas lícitas ou ilícitas.

Narcóticos Anônimos (NA) segue um programa inspirado na comunidade de Alcoólicos Anônimos (AA), onde utilizam de forma adaptada os Doze Passos para a recuperação de seus membros e as Doze Tradições para a liberdade coletiva de seus grupos. Necessitando de uma identificação mais profunda que foi possível ao unir pessoas em torno de um problema comum (problemas com as drogas) os pioneiros membros iniciaram as atividades de NA em julho de 1953, no sul da Califórnia, contando com a ajuda de alguns membros de AA (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 1993).

Os formatos das reuniões podem diferenciar de grupo para grupo, mas essencialmente seguem uma estrutura bastante comum. Prezam sempre o bem estar coletivo e a liderança é incentivada, mas de forma rotativa, onde ressaltam a não governabilidade e, em assuntos decisórios buscam uma consciência comum, em uma atmosfera quase anárquica e harmoniosa. Quase sempre se reúnem em círculos para não evidenciar nenhum membro. A partilha, a divisão da palavra, livre e sem retorno direto é uma das marcas de NA. Sempre falam em primeira pessoa e muitas vezes, indiretamente, acabam concedendo as respostas que outro membro procura, apenas falando sobre suas experiências pessoais.

Começamos a tratar a nossa adicção parando de usar. Muitos de nós procuraram respostas, mas fracassaram em encontrar qualquer solução prática, até que encontramos uns aos outros. Quando nos identificamos como adictos, a ajuda torna-se possível. Podemos ver um pouco de nós mesmos em cada adicto e ver um pouco deles em nós. Esta compreensão permite que nos ajudemos mutuamente (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 1993, p. 8).

Um ajudando ao outro, um se conhecendo no outro. Vale destacar Makiuchi (2005, p. 29): “a alteridade é a condição de possibilidade da pessoa humana. Somos o que somos porque o outro existe e sua existência nos afirma”.

A identificação, a mente aberta, o sentido de pertencimento, a alteridade, a liberdade de expressão, são os principais pontos que observo para o bom andamento de uma reunião.

As reuniões de NA não são aulas, nem sessões de terapia de grupo. Não damos lições, nem fornecemos aconselhamentos. Simplesmente partilhamos as nossas experiências pessoais com a adicção e a recuperação (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 2010a).

Na literatura que tive acesso e ouvindo as partilhas dos membros durante as reuniões que participei, observei que as pessoas se reúnem, a princípio, por causa de um problema comum: o problema que as drogas causaram em suas vidas. Mas a maior parte do tempo, seus membros falam sobre temas cotidianos, suas dificuldades e suas conquistas diárias. Percebo que o problema com as drogas é o foco comum da comunhão, mas a resolução e enfrentamento dos conflitos diários e a busca pelo preenchimento de um vazio existencial que teve início muito antes de usarem drogas é o cerne de seus encontros e desejos. O uso de drogas foi no início uma forma de enfrentamento a inadequação social, mesmo que não fosse percebida dessa maneira na época que usavam, hoje faz parte de seus relatos.

Como somos adictos, o uso de qualquer substância que altere nossa mente ou nosso humor provoca um problema em qualquer área da vida. A adicção é uma doença que envolve mais do que o uso de drogas. Alguns de nós acreditam que a nossa doença já estava presente muito antes de termos usado pela primeira vez (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 1993, p. 3).

Não há em Narcóticos Anônimos um banco de dados sobre seus membros devido ao caráter anônimo do coletivo; não há matrículas, inscrições formais e em suas reuniões os membros, se assim quiserem, dizem somente seus primeiros nomes.

Mas algumas pesquisas informais foram realizadas e listagens de horários e endereços de reuniões são constantemente revisadas. Segundo o último levantamento divulgado, são realizadas mais de 58.000 reuniões semanais em 131 países. Uma pesquisa realizada na convenção mundial de 2009 apontou que 44,5% dos que a responderam, disseram que todas as áreas de suas vidas foram afetadas pelo uso de drogas, mas as mais significativas foram os relacionamentos, e com a frequência à NA foram justamente o fortalecimento dos relacionamentos sociais e familiares os

pontos mais significativos na melhoria da qualidade de vida, percebidos por 88 e 92%, respectivamente (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 2010b).

A desestruturação da coletividade diante da competitividade, do individualismo e do consumismo incentivado pelo mercado (RATTNER, 2009), parece proporcionar um ambiente hostil propício ao isolamento dos usuários e o crescimento da adicção.

Os doze passos que possibilitam a recuperação dos membros de NA são os seguintes (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 1993):

1. Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis.
2. Viemos a acreditar que um Poder maior do que nós poderia devolver-nos à sanidade.
3. Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, da maneira como nós O compreendíamos.
4. Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos.
5. Admitimos a Deus, a nós mesmos e a outro ser humano a natureza exata das nossas falhas.
6. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.
7. Humildemente pedimos a Ele que removesse nossos defeitos.
8. Fizemos uma lista de todas as pessoas que tínhamos prejudicado, e dispusemo-nos a fazer reparações a todas elas.
9. Fizemos reparações diretas a tais pessoas, sempre que possível, exceto quando fazê-lo pudesse prejudicá-las ou a outras.
10. Continuamos fazendo o inventário e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.
11. Procuramos, através de prece e meditação, melhorar o nosso contato consciente com Deus, da maneira como nos O compreendíamos, rogando apenas o conhecimento da Sua vontade em relação a nós, e o poder de realizar essa vontade.

12. Tendo experimentado um despertar espiritual, como resultado destes passos, procuramos levar esta mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

Os primeiros três passos são considerados a base da recuperação de NA. Descreverei esses passos nas próximas linhas buscando uma conexão à aplicabilidade em uma educação ambiental transformadora.

“Passo um: admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis” (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 1993, p. 21).

Em *O Ponto de Mutação*, Capra (1982) revela as diversas facetas da atual crise mundial e suas inter-relações, como a corrida armamentista, a utilização da radiação atômica como matriz energética, a deterioração do meio ambiente, através da tecnologia a serviço da produção irracional de mercadorias; doenças, fome, exclusão social, os diversos distúrbios psicossociais oriundos desse modelo de desenvolvimento, etc. Considerando o conceito de processos cíclicos de ascensão e queda de civilizações e observando a crise atual, a civilização moderna, segundo o autor, estaria próxima de estar na crista negativa de sua evolução, abalando os alicerces do atual sistema, através, principalmente do colapso do modelo patriarcal, da limitação dos combustíveis fósseis e das mudanças dos valores culturais; estaríamos, portanto, no limiar de um novo processo decisivo de transição criativa para uma nova cultura. Uma nova relação harmoniosa entre as relações humanas e destas com os outros habitantes do planeta se daria através do fortalecimento do conhecimento intuitivo em detrimento do conhecimento científico reducionista e mecanicista.

Da mesma maneira, o indivíduo adicto, atinge o limiar de sua destruição quando atinge o chamado *fundo-de-poço*, que pode ser um divisor de águas entre a completa destruição e o despertar para uma nova maneira de viver, dependendo para este, de uma redução egóica para um sincero pedido de ajuda ao descontrole de sua vida. “Ao nos sentir derrotados, ficamos prontos” (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 1993, p. 21).

Tentando traçar um paralelo com uma educação libertária, precisamos sentir a dor da retirada das *drogas*, reconhecendo o fato do modelo de felicidade baseado no consumo ter fracassado.

Erich Fromm propõe quatro verdades nobres como condições de um novo homem, baseados em seus conhecimentos a respeito dos ensinamentos de Buda e da idéia de Marx da salvação:

Estamos sofrendo e temos consciência desse sofrimento (1); reconhecemos a origem do nosso mal-estar (2); reconhecemos haver um modo de superar nosso mal-estar (3); aceitamos que a fim de superar nosso mal-estar devemos seguir certas normas de vida e mudar nossa atual maneira de viver (4) (FROMMM, 2008, p. 165).

“Passo dois: viemos a acreditar que um Poder maior do que nós poderia devolver-nos à sanidade” (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 1993, p. 24).

Após a admissão de impotência às drogas, ou de confirmarmos o fracasso social moderno, ficamos apenas com o vazio existencial, até então preenchido, mesmo que ilusoriamente, pelo consumo. O segundo passo vem para preencher esse vazio. Cada membro de NA é livre para entender seu poder superior a sua maneira, desde que ele seja amoroso, cuidadoso e maior que eles. Mas, independente, de qualquer conotação religiosa que os membros possam dar a esse poder superior, ficou claro em minhas observações, que todos buscam manter a mente aberta para aceitarem possíveis sugestões que possam vir durante a partilha de outros companheiros, evidenciando a presença de um poder superior na força do grupo e de seus encontros. Para muitos, o poder superior é simplesmente o próprio grupo.

O segundo dos doze passos de recuperação de NA também diz que “insanidade é repetir os mesmos erros esperando resultados diferentes” (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 1993, p. 25).

Mariotti (2000) nos traz a tendência à repetição como uma das características do pensamento linear. Não conseguimos fugir do círculo vicioso e nos apegamos aos mesmos valores que trouxeram o mal estar social, como a competitividade, o materialismo, o individualismo, a superficialidade nas relações pessoais, emocionais e intelectuais.

A obsessão e a compulsão de continuar consumindo para fugir da crise, conforme o IHU (2009), não poderia ser associado à compulsão e a obsessão familiar dos que procuram fugir da dor da abstinência com a única resposta que as mentes adictas foram condicionadas a acreditar? Não foi exatamente esse o mecanismo de defesa da crise financeira (2009/2010/2011), com o estímulo ao consumo, redução de IPI dos carros e produtos da chamada “linha branca”, que na verdade acentuaram uma crise maior socioambiental e a degradação da vida?

E a acumulação dos problemas com tal repetição, não poderia levar à falência da civilização, conforme Brown (2009), ou a morte prematura do usuário?

Conforme Ab'Saber (2009), sobre o comportamento compulsivo moderno: “Eles não sabem o que fazem, mas o fazem assim mesmo”.

Já vivenciamos esse *poder* nos grupos de discussão e diálogos em educação ambiental, porém, precisamos zelar para que nossos encontros sejam *amorosos, cuidados* e que sejam *maiores* que seus participantes isoladamente, mas reforçando a importância de cada um no grupo, da diversidade dos saberes; proporcionando o sentimento de pertencimento presente na atmosfera de recuperação de NA.

“Passo três: decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, da maneira como nós O compreendíamos” (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 1993, p. 27).

Trata-se de um passo de ação, de tomada de decisão, de ter boa vontade para agir individualmente guiado pelo poder superior que cada um compreende, e em nosso caso, agir participativamente em grupo.

Um momento de reflexão vai mostrar, contudo, que alcançar uma consciência dos mecanismos que tornaram a vida dolorosa ou mesmo impossível não significa que eles já estejam neutralizados – trazer à luz as contradições não significa que elas tenham sido resolvidas. Há um caminho longo e tortuoso entre o reconhecimento das raízes do problema e sua erradicação, e dar o primeiro passo não garante de forma alguma que outros passos venham a ser dados, muito menos que o caminho será percorrido até o fim. E, no entanto, não há como negar a importância crucial do começo – de desnudar a complexa rede de elos causais entre as dores sofridas individualmente e as condições coletivas produzidas (BAUMAN, 2008a, p. 226).

Partindo dos doze passos de Narcóticos Anônimos, proponho uma adaptação dos conceitos às práticas de educação ambiental transformadora. Este é apenas um exercício, que deve ser mais bem elaborado, de aproximar as práticas de NA às práticas existentes de libertação coletiva contidas nas ações educadoras; não pretendo, de forma alguma, criar amarras ou propor uma “receita de bolo”.

Alguns “passos” de uma educação ambiental transformadora poderiam ficar assim:

- Admitimos nossa impotência em resolver nossos problemas existenciais, individuais e de nossa comunidade, agindo com os mesmos valores que os criaram (individualismo, consumismo, competitividade, superficialidade nas relações, etc.).

- Viemos a acreditar que em grupo, através da confiança no outro, podemos preencher os vazios descobertos e escancarados no primeiro passo.
- Decidimos agir em conjunto com o grupo, partilhando, planejando, agindo e refletindo sobre nossas ações.
- Fizemos um profundo e destemido inventário das mazelas individuais e coletivas e dos valores que os originaram.
- Partilhamos nosso inventário com o grupo e procuramos juntos maneiras de resolvê-las e os novos valores necessários para isso.
- Prontificamo-nos inteiramente, a serviço do coletivo, a buscar a prática diária dos novos valores.
- Trabalhamos em ações transformadoras com base nos novos valores concebidos em grupo.
- Fizemos uma lista de todas as ações em andamento e assumimos as responsabilidades para executá-las.
- Refletimos sobre cada ação empregada e formulamos juntos os caminhos subseqüentes.
- Continuamos sempre nos apoiando mutuamente, nos analisando individualmente e em grupo, e refletindo sobre nossas práticas e sobre os valores que as envolvem.
- Procuramos aumentar nossa participação nos relacionando com outras comunidades e promovendo políticas públicas.
- Através do despertar individual e coletivo, proporcionados através das ações-reflexões coletivas, procuramos ampliar, ainda mais nossas conexões sociais e, juntos, buscar novos passos para a libertação da sociedade.

Este trabalho, evidentemente, não é conclusivo. Outros desdobramentos podem e devem ser feitos.

Podemos nos aprofundar nas reflexões aqui propostas; podemos também propor iniciativas de educação ambiental para adictos em instituições, ou para outras patologias sociais; como também podemos adaptar as práticas utilizadas por grupos em recuperação de alguma enfermidade para as práticas de libertação social. Podemos também investigar profundamente

essa hipotética patologia aqui apresentada. Afinal, parece que estamos todos, de certa forma, doentes, e de maneira desigual. Para uns é possível comprar e estender o tempo de ilusão de felicidade, mas para muitos o vazio é escancarado e a dor insuportável.

Nosso modelo de felicidade está em bancarrota, mas o mesmo paradoxo observado em NA, onde para iniciar a recuperação se faz necessário admitir a completa derrota, pode ser aplicado a todos nós.

“De maldição, a globalização pode até transformar-se em bênção: a ‘humanidade’ nunca teve uma oportunidade melhor!” (BAUMAN, 2005a, p. 95).

Referências Bibliográficas

- AB'SABER T. **Balança, mas não cai**. Folha de São Paulo, São Paulo, 13 de setembro de 2009. Caderno Mais, p. 4 a 8.
- ACSELRAD, H. **Justiça ambiental**: narrativas de resistência ao risco social ampliados. *In* Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivo educadores. Brasília: MMA, 2005.
- ALVARES, Claude. **Ciência**. *In* Dicionário do Desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder. Wolfgang Sachs (org.). Petrópolis: Vozes, 2000, p. 40-58.
- ANDRADE, C. D. **Eu, etiqueta**. Corpo. Rio de Janeiro: Record, 1984, p. 85-87.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005a.
- BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005b.
- BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.
- BAUMAN, Z. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BARBOSA, S R. C. S. **Qualidade de vida e ambiente**: uma temática em construção. *In* Barbosa, S R da C S. (org). A Temática Ambiental e a Pluralidade do Ciclo de Seminários do NEPAM. Campinas: UNICAMP, 1998, p. 401-425.
- BARBOSA, S. R. C. S. **Transformações socioculturais contemporâneas e algumas implicações nos diagnósticos na área de saúde mental**. Mudanças – Psicologia da Saúde, 16 (1), jan-jun, 2008, p. 1-9.
- BECK, U. **Ecological enlightenment**. Essays on the politics of risk society. New York: Humanities Press International, 1995, p. 133-145.
- BETTO, F. **A mosca azul**: reflexões sobre o poder. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- BOHM, David. **O Diálogo**. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/8978647/Dialogo-David-Bohm>>. Registros de um encontro que aconteceu em 06 de novembro de 1989 em Ojai, Califórnia. Acesso em 25/08/2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Comunidades Aprendentes**. In *Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, 2005, p. 83-92.

BROWN, Lester. **O ponto crítico da civilização**. Disponível em: <<http://mercadoetico.terra.com.br/arquivo/o-ponto-critico-da-civilizacao/>>. Acesso em 20/09/2009.

CAMARGO, Ana Luiza de Brasil. **Desenvolvimento Sustentável: dimensões e desafios**. Campinas: Papirus, 2005.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação: A ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix, 1982.

CARDOSO, Ricardo Muniz Mattos. **Só por Hoje: um estudo sobre Narcóticos Anônimos, estigma social e sociedade contemporânea**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Qual educação ambiental?** Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural. *Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, v. 2, n. 2, p. 43-51, abr./jun. 2001.

CASTORIADIS, C. **As encruzilhadas do labirinto II: os domínios do homem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

COMISSÃO Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso Futuro Comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

DIEGUES, A. C. S. **Desenvolvimento Sustentável ou Sociedades Sustentáveis: da crítica dos modelos aos novos paradigmas**. In *São Paulo em Perspectiva*. Revista da Fundação SEADE. Vol. 6. São Paulo, 1992.

EINGENHEER, E. M.; FERREIRA, J. A. **Lixo: compreender para esclarecer**. *Ciência Hoje*, vol. 38, nº 227, p. 30-35, jun. 2006.

ENGELS F.; MARX, K. **Manifesto do Partido Comunista**. 14. ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

ÉPOCA SP. **Recicla-me ou devoro-te**. São Paulo: 17 de março de 2009.

ESTEVA, Gustavo. **Desenvolvimento**. In: *Dicionário do desenvolvimento: Guia para o conhecimento como poder*. Wolfgang Sachs (org.). Petrópolis: Vozes, 2000, p. 59-83.

FARIAS, Vital *et al.* **Cantoria 1**. Salvador: Kuarup, 1984. 1 CD.

- FERREIRA, Leila da Costa. **Ambiente e Sociedade na Teoria Social: Construindo a Interdisciplinaridade.** *In* Teoria & Pesquisa. Revista de Ciências Sociais / UFSCar, nº 48, p. 93-104, jan./jun. 2006.
- FOLADORI, Guillermo. **Limites do Desenvolvimento Sustentável.** Campinas: Unicamp, 2001.
- FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, C. **Cupido e Psique.** *In* As 100 Melhores Histórias da Mitologia: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana. 7. ed. Porto Alegre: L&PM, 2005a. p. 182-188.
- FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, C. **O suplício de Tântalo.** *In* As 100 Melhores Histórias da Mitologia: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana. 7. ed. Porto Alegre: L&PM, 2005b. p. 95-98.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREUD, S. (1930 [1929]). **O mal-estar na civilização.** Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 65–148 (Edição Standard Brasileira de Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).
- FROMM, Erich. **Ter ou Ser?** 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIDDENS, A. **A vida em uma sociedade pós-tradicional.** *In* BECK, U. Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: EDUNESP, 1997. p. 73–134.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 9–38.
- GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.
- HANNIGAN, J. **Sociologia ambiental: a formação de uma perspectiva social.** Lisboa: Instituto Piaget, 2000, p. 47-78 e 123-143.
- IHU, Instituto Humanitas Unisinos. **Os Destinos humanos e de gaia estão entrelaçados.** Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=19097>. Acesso em 20/09/09.
- INGLEHART, R. **Modernization and Postmodernization.** Cultural, economic, and political change in 43 societies. New Jersey: Princeton University Press, 1997, p. 324-341.
- LANE, Silvia T. M. **O que é Psicologia Social.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

LAYRARGUES, Philippe P. **O Cinismo da Reciclagem**: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. *In*: Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2008. 179-219.

LEGIÃO URBANA. **Que país é este**: 1978/1987. EMI-Odeon, 1987. 1 CD.

LEIS, Héctor Ricardo. **A Modernidade Insustentável**: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 133-172.

LEONARD, Annie. **The Story of Stuff**. Tides Foundation & Funders Workgroup for Sustainable: 2005 (vídeo curta-metragem).

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Teoria social e questão ambiental**: pressupostos para uma práxis crítica em educação ambiental. *In* Sociedade e Meio Ambiente: a educação ambiental em debate. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 13-51.

MACHADO, P. A. L. **Direito Ambiental Brasileiro**. São Paulo: Malheiros, 2005.

MAKIUCHI, M. F. R. **Alteridade**. *In* Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, 2005, p. 27-36.

MALAGODI M.; AVANZI R. **Comunidades Interpretativas**. *In*: FERRARO Jr., Luiz Antonio (org.) Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivo educadores. Brasília: MMA, 2005.

MARIOTTI, Humberto. **As paixões do ego**: Complexidade, política e solidariedade. São Paulo: Palas Athena, 2000.

MARIOTTI, Humberto. **Diálogo**: um método de reflexão conjunta e observação compartilhada da experiência. 2001 Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/7353500/dialogomariotti>>. Acesso em 25/08/2009.

MARRUL, Simão Filho. **Do desenvolvimento para além do desenvolvimento**. *In* Pensando e Praticando a Educação Ambiental na Gestão do Meio Ambiente; José Silva Quintas (org.). Brasília: IBAMA, 2000, p. 114-126.

MORIN, Edgar. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MORIN, Edgar. **A corrida pelo poder**. O Estado de São Paulo, São Paulo, 02 ago. 2009. Caderno Cultura, p. D7.

MONTIBELLER-FILHO, Gilberto. **O Mito do Desenvolvimento Sustentável**: Meio ambiente e custos sociais no moderno sistema produtor de mercadorias. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. **Texto Básico**. Chatsworth: NAWS, Inc. (Tradução da quinta edição do livro *Narcotics Anonymous*), 1993.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. **Uma introdução às reuniões de NA**. Chatsworth: NAWS Inc., 2010a.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. **Pesquisa de participação de membros**. Van Nuys: NAWS, Inc., 2010b.

NETO, J. C. de Melo. **Morte e Vida Severina**. Rio de Janeiro: Mediafashion; 2008 (Coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros – Livro 2).

PENTEADO, Heloisa Dupas. **Televisão e Escola: conflito ou cooperação**. São Paulo: Cortez, 2000.

RAHNEMA, Majid. **Participação**. In Dicionário do Desenvolvimento Sustentável: Guia para o conhecimento como poder. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 190-210.

RATTNER, Henrique. **Os limites da competitividade**. Revista Espaço Acadêmico, n. 99, p. 47-50, ago. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7879/4451>>. Acesso em 28/03/11.

ROSSI, Clóvis. **A mão invisível e irracional**. Folha de São Paulo, São Paulo, 17 jun. 2009. Opinião, p. A2.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 13-52.

SACHS, Wolfgang. Introdução. In **Dicionário do Desenvolvimento**: guia para o conhecimento como poder. Wolfgang Sachs (org.). Petrópolis: Vozes, 2000, p. 11-17.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 63, Universidade de Coimbra, 2002.

SAUVÉ, Lucie. **Educação ambiental e desenvolvimento sustentável**: uma análise complexa. Revista de Educação Pública, Cuiabá, v. 6, n. 10, p. 72-103, dez. 1997.

SIMMEL, G. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, O G. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1987, p. 11–25.

SORRENTINO, *et al.* **Educação Ambiental como Política Pública**. In Educação e Pesquisa. São Paulo, V.31, n.2, p. 285 a 299, maio/ago. 2005.

SOSA, Mercedes. **Mercedes Sosa en Argentina**. 1982. Disponível em: <<http://www.mercessosa.com.ar/marcosmaster.htm>>. Acesso em 15/06/11.

TONSO, S. **Cardápios de Aprendizagem**. In FERRARO Jr., Luiz Antonio (org.) *Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, 2005, p. 47-56.

TONSO, S. **A Educação Ambiental que desejamos desde um olhar para nós mesmos**. 2010. Disponível em: <<http://www.projetosustentabilidade.sc.usp.br/index.php/Biblioteca/Documentos/Educacao-Ambiental>>. Acesso em 09/01/2011.

VANDENBERGHE, F. **Filosofia do dinheiro** (sociologia filosófica – vertente metafísica). In *As sociologias de Georg Simmel*. Bauru/Belém: EDUSC/EDUPFA, 2005, p. 129–161.

ZAGO, A. J. **Sociedade de consumo e droga**. *Revista de Ciências Sociais e Humanas*, Piracicaba: Editora UNIMEP, 1999, p. 93-102.

ZHOURI, Andréa *et al.* **A insustentável Leveza da Política Ambiental: desenvolvimento e conflitos socioambientais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.